

DANIELA DE FARIA PRADO

**UMA ANÁLISE DAS INSERÇÕES DOS EMPRÉSTIMOS
LINGUÍSTICOS DA ÁREA DA INFORMÁTICA NO DICIONÁRIO
*AURÉLIO XXI***

**Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Linguística
2006**

DANIELA DE FARIA PRADO

**UMA ANÁLISE DAS INSERÇÕES DOS EMPRÉSTIMOS
LINGUÍSTICOS DA ÁREA DA INFORMÁTICA NO DICIONÁRIO
*AURÉLIO XXI***

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Lingüística (Área de
concentração: Estudos em Lingüística e
Lingüística Aplicada) do Instituto de Letras e
Lingüística da Universidade Federal de
Uberlândia, em Uberlândia -MG, como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Lingüística.**

**Linha de pesquisa: Teorias e análises
lingüísticas: estudos sobre o léxico,
morfologia e sintaxe.**

Orientadora: Dra. Waldenice Moreira Cano

**Uberlândia
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Letras e Lingüística
2006**

DANIELA DE FARIA PRADO

**UMA ANÁLISE DAS INSERÇÕES DOS EMPRÉSTIMOS
LINGUÍSTICOS DA ÁREA DA INFORMÁTICA NO DICIONÁRIO
*AURÉLIO XXI***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística (Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada) do instituto de letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia -MG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

**Dissertação defendida e aprovada em _____ de _____
de 2006, pela banca Examinadora constituída pelos professores:**

Prof. Dr. Evandro Silva Martins (UFU)

Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano (UFU)

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida

Uberlândia - MG

Ao ser superior que rege a minha vida;

Ao professor Dr. Luis Carlos Costa (in memoriam) que com muita presteza e atenção sugeriu o tema de minha pesquisa;

À professora Waldenice Moreira Cano pela solicitude e boa vontade em compartilhar o saber e pela amizade a mim confiada;

Ao meu pai, maior incentivador;

A minha mãe, cujos passos apenas segui;

Aos meus amados irmãos: Eduardo e Maíra;

As companheiras de estudo Kelly e Fernanda;

Aos meus queridos Higor e Saul, que entenderam a distância da madrinha,

dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Professora doutora Waldenice Moreira Cano pelas sempre e mui pertinentes sugestões;

Ao diretor do Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo, pelo empenho e dedicação ao programa;

Às funcionárias do Programa de Mestrado em Lingüística/UFU, as eficientes e sempre atenciosas Solene e Eneida;

Aos Professores Dr. Evandro Silva Martins e Waldenor Barros de Moraes Filho pelas contribuições ao nosso trabalho;

Aos queridos amigos Elizete Meira Silva Rocha, Fabrício Landim Gajo, Lauro Pinheiro Santana, Luís Fernando Chagas Pinto, Victor Saad Bueno Valadares e Wanda Silva Prado que tanto ouviram minhas elucubrações;

Aos colegas de trabalho da Ufu e da Ulbra, pelo apoio;

A todos os meus alunos que vivenciaram comigo esta experiência

UMA ANÁLISE DAS INSERÇÕES DOS EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICOS DA ÁREA DA INFORMÁTICA NO DICIONÁRIO *AURÉLIO XXI*¹

Daniela de Faria Prado

RESUMO: Este trabalho procurou refletir a respeito das inserções de empréstimos lingüísticos oriundos da língua inglesa da área da informática no dicionário *Aurélio XXI*; considerando-se a teoria lexicográfica de Guilbert (1975), Biderman (2001), Alves (1994), Carvalho (1984). Assim, verificou-se que os neologismos, inseridos no *Aurélio XXI*, não estão bem organizados no que concerne à delimitação de qual estágio neológico as unidades lexicais se encontram, não delimitando critérios para a inserção de vocábulos, que ora se apresentam como unidades já aportuguesadas, ora como estrangeirismos. Há uma falta de critérios relacionados à inserção de unidades pertencentes a uma língua de especialidade em um dicionário de língua geral. Isso nos remete a questão da produção lexicográfica no Brasil não contar com critérios estabelecidos como também não termos uma política do idioma que mereça atenção dos estudiosos e das autoridades. Realizamos também uma análise das fases neológicas em que encontram as unidades lexicais oriundas da língua inglesa pertencente à Informática.

Palavras-chave Lexicologia, Lexicografia, Neologismos, empréstimo lingüístico e estrangeirismos.

¹ Orientadora: Profa. Dra. Waldenice Moreira Cano- Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Caracterização da pesquisa

1. Introdução
- 1.1. Considerações Iniciais
- 1.2. Justificativa
- 1.3. Objetivos
- 1.4. Hipóteses
- 1.5. Metodologia

Capítulo 2- Aspectos teóricos da criação lexical

1. Os lingüistas e a teoria da mudança lingüística
- 1.1. Ferdinand de Saussure
- 1.2. André Martinet
- 1.3. Joaquim Mattoso Câmara Junior
- 1.4. Louis Guilbert
- 1.5. Maria Tereza Camargo Biderman
- 1.6. A dinamicidade da língua e os neologismos
- 1.7. A tipologia dos neologismos
- 1.8. O neologismo por empréstimo
- 1.9. Os estrangeirismos
- 1.10. O empréstimo lingüístico

Capítulo 3 - O fazer lexicográfico

1. A Lexicologia e a Lexicografia
- 1.1 O fazer lexicográfico e os dicionários
- 1.2 O Aurélio
- 1.3 . A política do idioma e uma política dicionarística.

Capítulo 4 – Constituição do *corpus I* e análise dos dados

1. Critérios de seleção e apresentação do *corpus*
- 2 .Transcrição do *corpus*
3. Composição das fichas analíticas
- 4.Discussão dos resultados – apresentação em gráficos

Capítulo 5 – Considerações finais

Bibliografia

Anexos

CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações Iniciais

A dinamicidade das línguas vivas pode ser atestada pelas mudanças que elas sofrem constantemente e, neste aspecto, é no léxico de um determinado sistema lingüístico que são mais visivelmente constatadas as mudanças, como por exemplo, o surgimento de novas palavras e expressões, novos significados para antigas palavras e o uso de palavras de outras línguas.

Os empréstimos lingüísticos e estrangeirismos oriundos da língua inglesa têm cada vez mais freqüente presença na imprensa, em publicações mais perenes, na comunicação oral, na publicidade e nas áreas técnicas em geral.

É um fato que, por necessidade ou por moda, o léxico do português conta com um alargamento de unidades estrangeiras que não pode ser esquecido ou ignorado. Antes, carece de uma atitude política lingüística frontal e despreconceituosa. Desde os primórdios, o contato entre os povos gerou os empréstimos lingüísticos; assim, os estrangeirismos, no que respeita ao seu uso e integração na língua, constituem uma questão mais presente do que nunca, devido à sua proliferação.

Diante do dinamismo do léxico, sistema aberto, os lexicógrafos deparam-se com a difícil tarefa de codificar o saber lingüístico de uma comunidade em uma determinada época. No Brasil, vários grupos, em diferentes universidades brasileiras, estão procurando criar e desenvolver bancos de dados,

principalmente terminológicos e neológicos, com o objetivo de normalizar e perenizar o léxico pertencente a várias áreas do conhecimento; porém, a realidade que enfrentamos em relação à produção lexicográfica e a forma como os lexicógrafos inserem novas unidades nos dicionários é de maneira geral desprovida de critérios, tanto para a organização dos verbetes, como para a escolha das unidades que compõem a nomenclatura do dicionário, pois não há um *corpus* para tal constituição.

Visando entender melhor os processos de criação lexical, em especial os neologismos por empréstimos oriundos da língua inglesa e, visando, também, fazer um estudo lexicográfico da inserção destes em uma obra de grande circulação entre os falantes da língua portuguesa, escolhemos FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 - século XXI, versão eletrônica, doravante *Aurélio XXI* para ser nossa fonte de dados.

Com base no referencial teórico composto por questões sobre mutabilidade lingüística, neologia, neologismos, empréstimos lingüísticos e estrangeirismos, Lexicologia, Lexicografia e as relações entre língua, política do idioma e sociedade, pretendeu-se desenvolver as etapas necessárias à consecução do propósito de analisar as inserções de unidades lexicais pertencentes à área da Informática oriundas da língua inglesa inseridas no *Aurélio XXI*. Justificamos a importância deste trabalho não para apenas inventariar e definir as unidades, mas fornecer elementos para uma discussão acerca da política do idioma no Brasil e para a compreensão da mudança e dinamicidade do sistema lingüístico, e

principalmente, atentarmo-nos para a necessidade de uma política e estudos que considerem a qualidade da produção lexicográfica no Brasil.

1.2.Justificativa

Diante da premissa de que o dicionário é um depositário do acervo lexical da cultura dos falantes de determinada língua, os critérios para coleta dos dados devem estar coerentes com a necessidade dos consulentes. Contemporaneamente, a língua portuguesa vem sofrendo e recebendo uma grande influência da língua inglesa devido ao avanço técnico-científico dos Estados Unidos. Vivemos em uma sociedade que anseia por informações rápidas, o que torna às vezes inviável, por razões em geral de praticidade, a escolha de um termo vernáculo em substituição ao estrangeirismo.

Buscamos, neste trabalho, nortearmo-nos por uma das tarefas da Lexicologia, citadas por Barbosa (1998) como sendo a responsável por examinar as relações do léxico de uma língua com os universos naturais, socioculturais, analisando a influência do contexto de cada palavra e seus diferentes contextos possíveis.

Assim, a análise quantitativa e lingüística da presença de empréstimos e estrangeirismos no dicionário *Aurélio XXI* nos proporcionou verificar até que ponto o dicionário acompanha a necessidade atual dos consulentes.

Nosso trabalho beneficiará tanto a comunidade em geral que faz uso dos dicionários, como acadêmicos que se dedicam à área da Lexicologia e também aos docentes das línguas portuguesa e inglesa.

É igualmente importante o estudo proposto, devido à falta de divulgação de trabalhos que percorram a nossa tarefa, a de analisar uma obra lexicográfica e apontar os fossos e falhas presentes em uma obra de tão grande circulação.

Em suma, buscamos com nossa proposta contribuir para os estudos do português do Brasil no que se refere à mudança que nossa língua vem sofrendo e como os dicionários têm registrado tal mudança.

1.3. Objetivos

3.1. Objetivo geral

Fazer uma análise das unidades lexicais inseridas no *Aurélio XXI*, oriundas da língua inglesa e pertencentes à rubrica da Informática, com base na organização dos verbetes e suas definições.

3.2. Objetivos específicos

- Analisar o dicionário *Aurélio XXI* no que concerne à delimitação do contingente de palavras que tem sua etimologia na língua inglesa.
- Elaborar uma listagem das unidades que já se adaptaram ao sistema lingüístico do português e das unidades que ainda se encontram em caráter de estrangeirismos.

1.4. Hipóteses

Partiu-se, desde o início, da premissa de que a língua inglesa vem invadindo as áreas tecnológicas e científicas e trazendo com as novas invenções e métodos as unidades lexicais que os nomeiam. Assim, acreditamos que um bom dicionário de língua geral deve, com cuidado, pesquisar e inserir essas unidades que estão em uso e também cuidar de uma boa elaboração das definições e organização dos verbetes inseridos em sua obra.

As hipóteses que se lançam sobre o presente estudo, com base na escolha do *corpus* e a literatura teórica consultada, fundamentam-se nas seguintes questões:

- Os neologismos, inseridos no *Aurélio XXI*, não estão bem organizados no que concerne à delimitação de qual estágio neológico as unidades lexicais se encontram, não delimitando critérios para a inserção de vocábulos, que ora se apresentam como unidades já aportuguesadas, ora como estrangeirismos.
- Há uma falta de critérios relacionados à inserção de unidades pertencentes a uma língua de especialidade em um dicionário de língua geral.
- A produção lexicográfica no Brasil não conta com critérios estabelecidos como também não temos uma política do idioma que mereça atenção dos estudiosos e das autoridades.

1.5. Metodologia

A elaboração deste trabalho se desenvolveu da seguinte forma: inicialmente, levantamos a hipótese de que o dicionário *Aurélio XXI* apresentava falhas no que diz respeito à organização e escolha dos verbetes oriundos da língua inglesa inseridos em sua obra. Em seguida, procedemos à leitura de vários textos de diversos autores que tratavam da criação lexical, neologismos e de pesquisadores em Lexicologia e Lexicografia que serviram de arcabouço teórico que sustenta nossa análise. Na sequência, efetuamos a análise das unidades lexicais oriundas da língua inglesa presentes na rubrica da Informática.

Para o estudo e análise das unidades lexicais em questão, adotamos os seguintes passos:

1. levantamento de todas as unidades que se apresentam como do inglês ou adaptação do inglês;
2. construção de fichas que contêm o verbete e sua definição;
3. delimitação da fase neológica em que cada verbete se encontra, se já é um empréstimo lingüístico ou ainda se encontra em fase de estrangeirismo;
4. análise da organização dos verbetes e como o *Aurélio XXI* define e apresenta os mesmos.

Finalmente, confrontamos os dados do *corpus* com a teoria apresentada para verificarmos a sustentação ou não de nossa hipótese.

Cumpramos ressaltar que este trabalho não pretendeu ser exaustivo, visto que houve uma delimitação na nossa coleta, restringindo-se apenas a uma rubrica do

dicionário, haja vista a quantidade de unidades nela inseridas. Não se pretende esgotar o assunto, sobretudo dada à visão parcelar da proposta, mas, sim, propiciar uma contribuição para os estudos lingüísticos atuais no que diz respeito aos estrangeirismos e a produção lexicográfica no Brasil.

Sobre a organização do trabalho, apresentamos, no primeiro capítulo a caracterização de nossa pesquisa e como esta foi organizada.

Dedicamos o segundo capítulo à revisão da literatura, revendo posições dos lingüistas Guilbert, Alves, Carvalho, Barbosa, entre outros, acerca da mudança lingüística e discorremos sobre os neologismos por empréstimos e estrangeirismos, a fim de apresentarmos os aspectos teóricos da criação lexical.

O terceiro capítulo ficou reservado ao fazer lexicográfico, considerações sobre a política de inserção de vocabulário estrangeiro no léxico do Português do Brasil, além de apresentarmos um histórico da obra que constituiu nosso *corpus*-O *Aurélio XXI*.

No quarto capítulo, transcrevemos o *corpus* e analisamos os itens lexicais recolhidos da obra em análise – O *Aurélio Século XXI* versão eletrônica, subdividindo-o em categorias para a análise e esclarecendo por que escolhemos esse *corpus* e como ele foi constituído. Este capítulo também diz respeito à análise dos dados, em que apresentamos as falhas relativas às inserções de empréstimos lingüísticos e estrangeirismos no *Aurélio XXI*, foco maior de nosso trabalho.

Por último, fazemos algumas considerações relativas ao trabalho, as quais acreditamos serem pertinentes ao tema escolhido.

CAPÍTULO II – ASPECTOS DA CRIAÇÃO LEXICAL

Neste capítulo buscamos apresentar um percurso teórico que aponta opiniões de diversos lingüistas e estudiosos que se debruçaram sobre os estudos relativos à mudança lingüística, seus conceitos, razões e reflexões acerca dessa temática.

1. Os lingüistas e a teoria da mudança lingüística

A relação entre as coisas e os “nomes das coisas” sempre foi objeto de reflexão humana. Vários estudiosos em suas elucubrações tentavam responder a questão: qual a conexão entre as palavras e aquilo que denotavam. Essas e outras questões relativas à linguagem verbal (as línguas naturais, mais precisamente) recebem um tratamento mais científico a partir do reconhecimento da Lingüística enquanto ciência humana, o que permite o desenvolvimento da Lexicologia, que estuda o léxico cientificamente.

Sobre isso reportemo-nos a Carvalho (1984, p. 64)

A mudança lingüística é fenômeno permanente que responde às necessidades da comunidade dos falantes, sejam elas de ordem social ou técnica(...) a renovação da sociedade contribui também para a necessidade de novos termos para designar comportamentos sociais novos ou que, no passado implícitos e reprimidos, tornaram-se explícitos e aceitos. (CARVALHO, 1984, p.64)

Se atentarmos para o uso que fazemos da língua, verificaremos que as mudanças não se dão apenas no âmbito do léxico, mas nas construções diferentes e também nas diversas formas como são pronunciadas as palavras. Portanto, que as línguas mudam é um consenso tanto entre os leigos quanto entre os lingüistas e é justamente essa peculiaridade desse sistema simbólico que deu origem às nossas reflexões, permitindo nossa pesquisa. A partir de agora apresentaremos as idéias de alguns estudiosos sobre a mudança lingüística.

1.1. Ferdinand de Saussure

Diante da inegável existência da mudança lingüística, muitos têm sido, ao longo dos anos, os lingüistas que se dedicaram a abordar esse assunto. Ao dar a língua um caráter social, Saussure admite que esta muda, posto que a sociedade muda.

Tanto é esta a posição deste lingüista que ao descrever a natureza do signo lingüístico ele afirma que este é mutável e imutável ao mesmo tempo. Esta aparente contradição desaparece ao se verificar que o signo é imutável por não ser livre, mas imposto à comunidade que o emprega.

Ao caráter paradoxal de mutável e imutável do signo, percebe-se que a língua aparece como uma realidade imutável, independente não só do sujeito como da própria comunidade lingüística, porque aparece como herança das gerações anteriores, ou seja, é um bem cultural e histórico. Como tal há de ser conservada, pois do contrário se descaracteriza. Todavia, há uma perspectiva em

que o signo lingüístico aparece como mutável, porque como instituição social também a língua está sujeita à ação do tempo.

O tempo que assegura a continuidade da língua tem um outro efeito, à primeira vista contraditório em relação ao primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos lingüísticos, e, num certo sentido, podemos falar ao mesmo tempo de imutabilidade e da mutabilidade do signo, (SAUSSURE, 1970, p. 134)

No bojo, ainda, dessa discussão, é lícito afirmar, também, que as línguas são instituições sociais, sistemas histórico-culturais, a realidade da língua é movimento, é perpétua criação, visto que a linguagem é uma atividade criadora. Sabemos que a língua escrita, dada a sua natureza e em decorrência do seu papel histórico, está mais resguardada de freqüentes mudanças, ainda que elas terminem por ocorrer, como buscamos comprovar em nossa pesquisa.

1.2. André Martinet

André Martinet, lingüista posterior ao genebrino Saussure, procura ao contrário deste, instituir um conceito de mudança. Mesmo seguindo a teoria estruturalista, defende que a modificação é inerente ao funcionamento da língua, às vezes pela justaposição de gerações diferentes em uma mesma comunidade, em um dado momento, e pela diversidade de situações lingüísticas reais.

(...) nos contentaremos em lembrar que as línguas se modificam se jamais cessarem o funcionamento e que existem chances para que a língua que abordamos para descrever o funcionamento esteja em curso de modificação (...) Nestas condições, nos perguntaremos se é possível dissociar o estudo de funcionamento desta evolução. (MARTINET, 1971, p.29)

Assim como as espécies de seres vivos, a língua também, de certo modo, pode ser considerada uma entidade viva. E, sendo viva, ela também se modifica, sofre mudanças e adaptações. Também ela, como os seres vivos, passa por processos evolutivos desde os primórdios da comunicação humana.

1.3. Joaquim Mattoso Câmara Júnior

Até o início do século XX (de modo geral), utilizou-se o conceito de mudança lingüística como sinônimo de evolução lingüística, porque se pensava que as línguas desenvolviam-se de um estado rudimentar e passavam a estágios mais elaborados, até atingir a sua plenitude. Mattoso Câmara abordou esse tema

Assim desapareceu da evolução lingüística a característica de marcha de uma forma rudimentar para a sua plenitude, à maneira do desenvolvimento de um ser vivo. A palavra evolução, em lingüística, pressupõe apenas um processo de mudanças graduais e coerentes. (CÂMARA, 1969, p. 192)

Para Mattoso (1969), devemos entender a língua como bem social, ele deixa claro que as diferenças individuais na concretização desta não constituem mudança, posto que a língua somente se realiza quando aceita pela comunidade, vindo a fazer parte do sistema lingüístico geral, e não particular de um único falante.

Admitindo que a mudança é uma realidade irrefutável e inerente a todas as línguas, Mattoso aborda a questão: por que as línguas mudam? Ora, parece óbvio: mudam porque são históricas. Mas o que as caracteriza como

fato histórico? Para responder a pergunta, o lingüista brasileiro aponta três aspectos principais:

O primeiro fator que determina a mudança lingüística é a íntima associação entre cultura e língua. Daí que uma mudança na cultura pode acarretar uma mudança na língua. É o caso, por exemplo, da transformação de valores que regem uma dada sociedade. Se mudam, precisam ser renomeados, pois do contrário inexistem. Um segundo impulso para a mudança é de natureza estilística. A língua não é somente a representação de um modo extralingüístico, exterior ao falante, mas o próprio veículo de organização do pensamento deste e exteriorização de suas emoções. Assim, o que surge como um dado subjetivo pode, através da língua, determinar modificações na estrutura representativa, as modificações ou “deformações” estilísticas-que, se muito constantes e generalizadas, tendem a se integrar no próprio sistema lingüístico. A literatura muito contribui para este tipo de mudança. O terceiro impulso à mudança está na essência da estrutura da língua. Apesar de esta ser um sistema, conjunto de estruturas que se relacionam entre si, por meio de associações e contrastes, não é sistema completo nem fechado, visto que não é estático, mas dinâmico.

As contribuições de Mattoso nos levam a concluir que a língua é, então, o lugar onde se encontram as necessidades contraditórias: a mudança e a estabilidade. Se somente estável, deixa de ser um bem cultural, histórico, dada à dinamicidade da organização do mundo real. Se totalmente mutável perde seu valor, ou seja, perde justamente o que permite a inter-relação entre os indivíduos.

1.4. Louis Guilbert

O lingüista francês Louis Guilbert foi um dos teóricos que muito se dedicou à questão da criação lexical. Assim, suas considerações entram neste trabalho como forte aparato teórico, pois muitos adeptos e seguidores o parafrasearam.

De acordo com Guilbert (1975), a composição dos vocábulos, ou melhor, a criação lingüística tende a apoiar-se no significante e no significado. Todo exercício do idioma resulta do uso de sinal lingüístico como símbolo da realidade.

O signo lingüístico é, então, um símbolo com relação à realidade exterior, dotado de uma realidade específica, como signo lingüístico de dupla face (face <<significante>> e face <<significado>>); a denominação reside no estabelecimento da correspondência entre uma substância <<significante>> e um conteúdo <<significado>> e não diretamente entre a realidade não lingüística e o signo lingüístico. A segunda forma de criatividade lingüística é a reunião dos signos lingüísticos em um encadeamento ou enunciado que forma uma unidade de significação da frase. Designação por um signo lingüístico e formação de frases têm como objetivo a comunicação de mensagens entre os indivíduos de uma mesma comunidade¹. (GUILBERT, 1975, p.15)

Sobre a mudança lingüística, Guilbert (1975) postula que a realidade a exprimir demonstra tanto a realidade objetiva do mundo extralingüístico (resultado da atividade criativa e transformadora do homem) quanto à diversidade das reações psicológicas dos falantes como indivíduos ou como membros de um grupo social. Estas diversas motivações psicológicas e

¹ “Le signe linguistique est donc symbole par rapport à la réalité extérieure, doté d’une réalité spécifique en tant que signe linguistique à double face (face <<signifiant>> et face <<signifié>>); la dénomination réside dans l’établissement de la correspondance entre une substance <<signifiant>> et un contenu <<signifié>> et non directement entre la réalité non linguistique et le signe linguistique. La seconde forme de la créativité linguistique est la réunion des signes linguistiques dans un enchaînement ou énoncé qui forme l’unité de signification de la phrase. Désignation par un signe linguistique et formation de phrases ont pour but la communication de messages entre les individus d’une même communauté ». (GUILBERT, 1975, p.15)

sociais encontram sua expressão nesta faculdade de todo sujeito falante: produzir constantemente novas frases jamais formuladas anteriormente, jamais ouvidas, conforme proposto pela teoria gerativista de Chomsky. Gerar é criar; e, portanto, mudar.

Assim, nos ancoramos em tal premissa para justificar a significativa presença de unidades lexicais oriundas da língua inglesa para nomear então a atual realidade lingüística de nosso país, ou até mesmo, em todo o mundo, em que as tecnologias e produção científica têm grande desenvolvimento e contribuição de países falantes da referida língua; mais ainda, especificamente, em se tratando de uma área de concentração como a Informática.

Ainda segundo Guilbert, o conceito próprio de sistema recai sobre um conjunto de relações e oposições, cuja definição implica permanência e estabilidade, de modo que se possa caracterizar determinada língua como tal, mas a realidade de funcionamento de uma língua permite perceber historicamente a modificação. Pensando em nosso trabalho, comprovamos essa afirmação ao compararmos a segunda e a terceira edição do *Aurélio XXI*, pois temos uma amostra da invasão de unidades oriundas da língua inglesa de uma edição para outra; seja por uma “jogada de marketing” ou não, um grande contingente de palavras novas foi inserido, radiografando a globalização e a expansão ao acesso às novas tecnologias².

² Ressaltamos que em nosso trabalho não fizemos uma análise referente às unidades que foram inseridas da segunda edição para a terceira, aludimos a alguns casos apenas como caráter ilustrativo.

1.5. Maria Tereza Camargo Biderman

Entre os estudiosos brasileiros do léxico, citaremos Maria Tereza Camargo Biderman por ser esta uma pesquisadora de significativa relevância nacional.

Toda língua viva tem por característica a renovação lexical que constitui um processo a ela inerente. Em nenhuma hipótese representa uma ameaça à continuidade de qualquer sistema lingüístico, mas sim uma condição para o enriquecimento e extensão do seu léxico. De acordo com Biderman (2001, p. 139)

Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa mesma sociedade funcionam como sujeitos-agentes no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico de sua língua. (BIDERMAN, 2001, p. 139)

Para a autora supracitada, o léxico é um sistema aberto e em expansão; novas criações são incorporadas ao léxico incessantemente. Para ela, nenhum sistema lexical “cristaliza-se”, a não ser que a língua morra. Segundo ela é devido a este fato que não podemos censurar em demasia os lexicógrafos e seus dicionários por não registrarem todos os vocábulos e significados que estão em uso na língua, pois tal obra é praticamente inexeqüível.

Assim, a autora ainda acrescenta que o léxico, diferentemente da gramática é um sistema aberto. Assim a inventividade humana e a liberdade em criar novas significações, fazem do léxico uma “galáxia em expansão”.

1.6 Michael Bakhtin

Para além das questões da arbitrariedade, significado e ou significante; achamos por bem também abordar o signo lingüístico e a mudança lingüística

enfocando a relação signo e ideologia proposta por Bakhtin (1929). O autor fundamenta suas consideração sobre tal ligação, argumentando que a teoria marxista de criação ideológica está relacionada aos problemas da filosofia da linguagem. Para ele, “Um produto ideológico faz parte de uma realidade,... instrumento de produção ou produto de consumo” (p.31), mas, revela também a realidade a ele exterior.

Baseado neste pensamento Bakhtiniano, temos o dicionário como um produto de consumo e principalmente ideológico. As diversas vozes que constituem a produção lexicográfica entrecruzam-se e denota uma cadeia ideológica que se desdobra e se liga às consciências individuais. Assim, um instrumento de interação social (o dicionário) traz um conteúdo ideológico.

Sabemos que a inserção significativa de lexemas oriundos da língua inglesa no dicionário *Aurélio XXI*, apóia-se em duas possibilidades em quais acreditamos e defendemos: primeiramente uma questão lingüística, seguido de uma meramente mercantilista, de marketing, para vender mais e como o reflexo de uma cultura manipulada e influenciada por outra, o que se radiografa no discurso dicionarístico, pois este não é e nunca será neutro. A voz dos dicionaristas, sua ideologia e posicionamento acerca da sociedade estão velados nos signos ali inseridos.

E quanto à evolução lingüística, Bakhtin sustenta que a língua é um sistema de normas rígidas e imutáveis apenas para a consciência individual. De forma objetiva a língua é para ele uma “corrente evolutiva ininterrupta” (p.90). Assim, percebemos que a visão bakhtiniana em relação ao signo lingüístico acrescenta-nos o caráter ideológico e argumenta que o contexto importa nas

diversas significações do signo que se torna flexível e variável, assim passível de mudanças.

Nesta primeira parte de nossa apresentação teórica buscamos fundamentar a premissa de que as línguas evoluem e que a mudança lingüística é consenso entre vários lingüistas, especialmente em se tratando de criações de novas palavras e que estas podem ser aceitas e depois de muito uso poderão vir a fazer parte do acervo lexical da língua. Ou, ao contrário, a nova palavra desaparece juntamente com tantos outros produtos descartáveis ou modismos que não duram mais do que uma estação, como também, tratar do processo de criação de novas unidades lexicais.

2. A NEOLOGIA E OS NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO

A entrada de empréstimos lingüísticos e estrangeirismos no português do Brasil, e em qualquer língua do mundo, é um fenômeno usual e comum porque segue o processo natural da dinâmica das línguas. As causas do empréstimo são diversas e podem estar relacionadas à necessidade de nomear realidades cujas designações não constam do arcabouço lexical vernáculo, especialmente em áreas como a tecnologia, economia, informática, entre outras. O que podemos perceber é que no Brasil há um grande contingente de empréstimos lingüísticos oriundos do inglês americano.

Reconhecido o fato de que as línguas mudam no eixo do tempo, busca-se, então, dar a esse fato um tratamento científico, o que significa realizar, dentro de quadros teóricos definidos, descrições dos diferentes processos de mudança ocorrentes na história de uma língua ou de uma família de línguas, e ao mesmo tempo, construir hipóteses de caráter explicativo para os fenômenos descritos com base em pressupostos mais gerais a respeito da mudança lingüística como um todo.

O léxico é o elemento mais concreto e móvel da língua. Sendo assim, as línguas se transformam lentamente pela ação do tempo e com as inovações introduzidas pelos falantes. Havendo necessidade de um nome para designar idéias ou objetos novos, os falantes fazem uso de processos especiais de

formação lexical. Dessa forma, “as unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condiciona a percepção e conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo” (BARBOSA, 1979, p.167).

2.1. A dinamicidade da língua e os neologismos

O léxico é a parte viva da língua. Ele está em constante movimento, incorporando palavras novas e registrando novos significados, mas também constata que outras deixam de ser usadas e, com isso, são esquecidas pelo falante. Ao estudá-lo, estamos analisando não só os processos de formação de novas palavras como também a evolução dessa sociedade. Como falantes de uma língua, temos a impressão de que ela é estática. Essa aparência, no entanto, não é gratuita. Segundo Martinet (1975)

Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem de como falavam dez ou vinte anos antes. (MARTINET, 1975, p. 177).

Tal fenômeno ocorre por dois motivos. Um deles deve-se ao fato de os elementos da língua estarem em sincronia, isto é, apresentarem-se em um estado de língua onde se apreende uma estrutura. O outro decorre de o falante estar sincronizado com sua língua a ponto de não percebê-la em movimento, já que a continuidade da língua se confunde com sua própria continuidade enquanto sujeito histórico. Segundo Coseriu (1975), há uma dinamicidade na língua que faz com que ela “se faça”, “se realize” com o passar do tempo; contudo, devemos

esclarecer que a mudança de que falamos não corresponde às que ocorrem nos seres vivos que nascem, crescem e morrem. Na verdade, como o mesmo autor nos diz, “os objetos culturais têm desenvolvimento histórico e não ‘evolução’ como os objetos naturais” (COSERIU, 1975, p. 157).

Martinet (1975) afirma que:

Tudo pode mudar numa língua: a forma e o valor dos monemas, ou seja, a morfologia e o léxico; a ordem dos monemas no enunciado, quer dizer, a sintaxe; a natureza e condições de emprego das unidades distintivas, isto é, a fonologia. Aparecem novos fonemas, novas palavras, novas construções, enquanto outras unidades e maneiras de dizer diminuem de frequência e caem no esquecimento. (MARTINET, 1975, p.177).

Nota-se, então, que nesse processo de mudança lingüística, há o que chamamos de inovação. Dependerá dos falantes da língua a aceitação, isto é, a adoção dessa inovação, fato que levará à mudança na língua. Essas fases (inovação, adoção e mudança) confundem-se pelo fato de que quando tomamos consciência da inovação ela já foi adotada pelos falantes e, portanto, já ocorreu a mudança. Há uma certa dificuldade em chegar ao indivíduo criador da inovação e ao momento em que ela ocorreu. Mas é fato que a língua evolui e com ela todo seu acervo lexical.

Ao processo de criação de novas palavras chamamos de neologia; o falante de uma certa língua, diante da necessidade de nomear uma nova realidade ou de expressar uma ainda não usada faz uso desse processo que a língua proporciona e de diversas maneiras pode inovar sua produção lexical.

2.2. A tipologia dos neologismos

Abordaremos, a seguir, conceitos e visões de alguns autores que se dedicaram aos estudos neológicos, entre eles: Guilbert, Barbosa, Alves, Biderman e Carvalho. Convém ressaltar que vários autores comungam da mesma idéia em se tratando de neologismos, em uma visão geral, assim, tentamos apresentar a contribuição de cada um e o que cada autor apresenta de distinto.

Guilbert (1975) discute em sua obra a existência de quatro processos responsáveis pela geração da neologia lexical. São eles: neologia fonológica, neologia semântica, neologia sintagmática e, por fim, neologia alogenética. Façamos uma explanação sobre essa classificação.

O neologismo fonológico é resultado de um recorte cultural novo, e é possuidor de expressão e conteúdo inéditos. Há dois subtipos desse neologismo: o específico e o complementar. Ambos têm como características possuírem expressão e conteúdo inéditos, mas se diferem em relação ao percurso realizado e à maneira de organizar a expressão e o conteúdo. O neologismo fonológico específico tem como ponto de partida uma combinatória inédita de fonemas; o complementar, uma combinatória inédita de morfemas, que Guilbert denomina neologismo morfofonológico.

O neologismo semântico ocorre quando um signo já existente recebe um novo significado, correspondente a um novo recorte cultural. Os novos significados podem neutralizar o(s) significado(s) já existente(s) para o signo, ou podem coexistir com ele.

O neologismo sintagmático é um produto da derivação e da composição de unidades lexicais. Subdivide-se, quanto à modalidade de construção, em derivado, quando ocorre a combinatória lexicalizada de signos mínimos; e em composto, quando resulta da combinatória de vocábulos.

O neologismo alogenético é uma unidade lexical nova que foi emprestada de um outro sistema lingüístico e sociocultural.

O neologismo por empréstimo, denominado por Guilbert neologismo alogenético, não se torna um empréstimo lingüístico assim que é tomado emprestado pelos falantes da língua importadora. Segundo o referido autor, ele tem que passar primeiramente por três fases.

Guilbert (1975, p.92-93) classifica então as fases dos neologismos por empréstimo em:

Xenismo: o termo introduzido na língua receptora faz remeter a um significado próprio que só existe na língua exportadora. Muitas vezes, é utilizado para dar um ar exótico ao texto;

Peregrinismo: é a fase equivalente ao primeiro momento da adoção neológica, é a fase de instalação do novo termo;

Empréstimo: é a fase em que o termo é largamente usado pelos falantes da língua importadora.

Barbosa (1998) analisa o neologismo sob quatro perspectivas: a **diacrônica**, a **diatópica**, a **diastrática** e a **diafásica**.

Por perspectiva diacrônica, Barbosa entende a análise feita das etapas que o neologismo percorre, desde a sua criação, passando pela aceitabilidade de pelo menos uma comunidade de falantes, tornando-se memorizada por essa(s) comunidade(s) até o momento da sua desneologização, quando esse já faz parte da língua dos falantes. Dessa forma, se quisermos analisar os neologismos de uma determinada época, temos que adotar um parâmetro, documentos escritos naquela época e confrontá-los com documentação de uma época posterior.

Podemos realizar a análise de um neologismo sob a luz da perspectiva diatópica. Quando analisamos vocábulos que são usados somente em alguma região restrita e que, ao passarem dessa região para outra, são sentidos como neologismos pelo fato de os usuários da língua desconhecerem o seu significado, temos aí um neologismo designado diatópico. Esse vocábulo que é transmitido poderá ser até um arcaísmo da região que o emprestou. Esse é um fenômeno comum que é favorecido pelas correntes migratórias, pelo comércio, pela difusão através da imprensa, etc.

Um vocábulo pertencente à norma de uma dada classe social, ao ser transportado para outra norma, é sentido como um neologismo. Esse neologismo é chamado diastrático, e a sua variação, diastrática. Existem alguns fatores que colaboram para o aparecimento do neologismo diastrático. Dentre eles podemos

citar os conflitos políticos, sociais e econômicos, a interação entre classes, a mídia impressa e eletrônica, etc.

Se um vocábulo de um universo de discurso _ literário, técnico-científico _ é transportado para outro universo e nesse novo universo é visto como um neologismo, esse neologismo é denominado diafásico. Barbosa também defende que para uma nova palavra ser considerada um neologismo, não podemos olhar somente o seu caráter inédito. Vale lembrar que somente a sua criação não é condição necessária nem suficiente para que ela passe a integrar o acervo lexical de uma língua. Cabe aos falantes das comunidades lingüísticas fazerem uso dessa nova palavra em contextos diferentes para que ela seja inclusa na língua.

Entre os neologismos formados através das bases da própria língua, podemos destacar a divisão proposta por Biderman (1978). Ela classifica os neologismos em formal e conceitual. Convém ressaltar que Biderman sustenta a mesma opinião de Guilbert.

A partir do momento em que as palavras utilizadas no nosso léxico com uma determinada acepção são retomadas com acepções novas, diferentes das que eram usadas, provocam uma ampliação do campo semântico dessa palavra e a criação de um neologismo denominado neologismo conceitual.

Percebemos o aparecimento do neologismo formal quando surgem novas palavras em uma língua. A criação dessas novas palavras em português se dá não somente através de formações vernáculas, mas também, através de formações por

empréstimo. A primeira acontece por meio da evolução, com bases pertencentes à própria língua e utiliza dois tipos de processos; composição e derivação.

Entende-se por composição a associação significativa e formal entre dois significantes, tendo por objetivo a formação de um novo significado, e por derivação, o processo pelo qual o morfema lexical sofre o acréscimo de um morfema gramatical que resulta, assim, um novo significado.

A segunda sucede quando há a adaptação entre dois sistemas distintos. No caso, um determinado sistema de uma língua “A” se adapta a um sistema de uma língua “B”, dando origem a novas palavras.

Em relação aos empréstimos estrangeiros, a autora afirma que eles, como os neologismos criados a partir de termos vernáculos, podem ser neologismos formais e conceituais. São lexemas originados das mais variadas línguas. Como exemplos temos anglicismos, galicismos, latinismos, etc. A autora ainda afirma que, embora tenhamos sofrido uma grande influência do francês, por longo período, atualmente são os Estados Unidos da América que exportam para nós o maior número de empréstimos. Mas, a influência americana não é somente sobre o Brasil, ela é mundial.

Todas as culturas e civilizações contemporâneas estão sofrendo uma avassaladora influência da língua inglesa e da cultura americana, como consequência do grande prestígio que a civilização americana assumiu em todo o mundo. (BIDERMAN, 1978, p. 162)

Para Alves (1994) há vários processos de formação neológica, sendo eles: neologia fonológica, neologia sintática (derivação, composição, formação por siglas, composição sintagmática), neologia semântica, neologia por empréstimo, conversão, truncação (processo pelo qual há uma abreviação em que uma parte da seqüência lexical, na maioria das vezes a última, é eliminada), palavra-valise (tipo de redução em que dois itens lexicais são privados de seus elementos para formarem um novo: um perdendo sua parte final e o outro, a parte inicial), reduplicação (processo pelo qual a mesma base é repetida duas ou mais vezes), a derivação regressiva (processo em que a formação lexical resulta da supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal).

Segundo a autora, o falante, ao criar um neologismo, tem consciência, muitas vezes, de que está inovando, gerando novas unidades léxicas. Isto ocorre tanto com os processos de formação vernácula quanto com os estrangeirismos. A sensação de neologia é traduzida graficamente pelo uso de aspas, maiúsculas e itálicos, recursos que ajudam a realçar a inovação no léxico. Quanto ao estrangeirismo, o fato de ele ser traduzido revela que o falante percebeu o caráter neológico dessa forma não-vernácula. Para a autora, no que diz respeito à inserção do neologismo no dicionário,

Não basta a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do acervo lexical de uma língua. É, na verdade, a comunidade lingüística, pelo uso do elemento neológico ou pela sua não difusão, que decide sobre a integração dessa nova formação ao idioma. (ALVES, 1994, p. 84).

Se o neologismo for bastante freqüente, é inserido em obras lexicográficas e considerado parte do sistema lingüístico. Ocorre, no entanto, que há uma certa arbitrariedade no que se refere ao modo de agir dos lexicógrafos. Muitas vezes, unidades muito usadas não são registradas e aquelas pouco difundidas fazem parte de seus dicionários. Apesar disso, essas obras lexicográficas são os parâmetros disponíveis para avaliarmos se um item léxico pertence ou não ao acervo lexical de uma língua.

Carvalho (1987) considera que ao falar em neologismo devemos ter sempre como referência conceitos como mudança, evolução, novidade, novo, criação, surgimento, inovação. Além de testemunhar a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento. (CARVALHO, 1987, p. 9).

2.3. O neologismo por empréstimo

Nossa pesquisa concentra-se nos neologismos por empréstimos, mais especificamente, os neologismos por empréstimos oriundos da língua inglesa. Para tal, vejamos algumas definições deste processo:

Para ampliar a discussão, retomou-se Bloomfield (1961), que define o empréstimo como a *“adoção de traços que diferem do sistema tradicional da língua”*. Para ele existem dois tipos de empréstimos:

- a) empréstimo de dialeto: quando os traços adotados vêm da mesma área em que a língua é falada.
- b) empréstimo cultural: quando o traço adotado vem de uma outra língua.

Por sua vez, o empréstimo cultural pode ser de dois tipos:

- a) empréstimos de palavra estrangeira, que se caracteriza por apresentar substituição fonética e adaptação à morfologia da língua receptora.
- b) Formação de palavras nativas, caso em que podem ocorrer por tradução, com extensão de significado; descrição do termo com palavras nativas quando não há um termo equivalente e tradução literal dos morfemas existentes no original.

Convém ressaltar que na questão dos empréstimos lingüísticos é condição primordial que eles sofram alguma adaptação ao falar da língua receptora. *Uma língua não pode tomar de empréstimo elementos de outra sem perder sua identidade, a menos que o faça reinterpretando-os, isto é, adaptando-os à sua própria estrutura.* CAMARA Jr (1964 p. 178).

2.4. Os estrangeirismos

Em nosso estudo, analisaremos os neologismos catalogados sob a luz da classificação proposta por Alves (1990), não em detrimento dos trabalhos acima expostos, mas pelo fato de ser essa a classificação que melhor se adapta à nossa proposta de trabalho.

A referida autora chama de estrangeirismos a primeira etapa por que passa a palavra estrangeira. Nesse nível, ela é sentida como externa à língua importadora. O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a “cor local” do país de ou da região estrangeira a que faz referência. (ALVES, 1990, p.72-73).

2.5. O empréstimo lingüístico

Sucedo o neologismo por empréstimo quando o termo advindo de uma outra língua passa a ser usado freqüentemente pelos usuários da língua importadora. O emprego freqüente de um determinado termo estrangeiro é um dos critérios que fazem com que esse estrangeirismo se torne um empréstimo. Se, ao ser importada, uma palavra passa a ser muito veiculada pela imprensa e muito utilizada nos atos de fala, o falante da língua importadora passa a não mais senti-la como externa à sua língua, começando a vê-la como palavra integrante do seu acervo lexical.

Ao analisarmos morfossintaticamente as palavras estrangeiras, percebemos que algumas delas já formam derivados e compostos dentro da nossa língua. Por isso, elas não devem mais ser classificadas como palavras estrangeiras e, sim, como empréstimo, pois de acordo com Alves, a formação de compostos e derivados é um segundo motivo para que sejam assim designadas.

Gostaríamos de destacar que em nosso trabalho classificaremos como **estrangeirismos** todas as unidades que ainda não sofreram adaptação ao português, ou seja, são registradas em sua forma origem, e **empréstimos lingüísticos** aquelas que já estão adaptadas ao nosso sistema, sendo por adaptação fonológica, morfológica ou semântica não causando, assim, esse estranhamento relatado pela autora.

No nosso *corpus*, podemos inferir que o dicionarista ao registrar as unidades que se encontram em fase de estrangeirismos antecedeu-as por uma seta (➔) na entrada do verbete, possivelmente por ter reconhecido a diferença entre empréstimo lingüístico e estrangeirismo. Os empréstimos não trazem nenhuma diferenciação; são vistos como lexemas já integrados ao português.

Ainda para Alves (1990), pode haver a tradução literal do estrangeirismo da língua exportadora para a importadora, o que a autora chama de estágio decalque. Em nossa pesquisa usamos este estágio para classificar as unidades por nós pesquisadas.

Para finalizarmos este capítulo, trazemos a contribuição de Carvalho (1984) para os aspectos teóricos concernentes aos empréstimos lingüísticos. A autora faz uma classificação dos empréstimos segundo a forma de derivação, adoção e segundo a função, intenção ou necessidade de uso.

Segundo a forma de derivação

Os empréstimos podem ser classificados em direto e indireto. O empréstimo direto deriva sem intermediários da língua fonte, como as palavras CPU e *mouse*, que são anglicismos e chegaram até nós por influência norte-americana, enquanto o indireto tem a língua fonte como intermediária no processo de adoção. Como empréstimos indiretos, podemos citar, entre outras, a palavra *delet*, originária do latim, e que chegou até nós também pelos Estados Unidos. Adotaremos em nossa análise esse critério de classificação.

Segundo a forma de adoção

Os empréstimos podem ser classificados ainda em decalque, adaptação e incorporação.

O **decalque** é a tradução, de maneira literal, da palavra estrangeira. Por exemplo: Sistema Operacional – para Operational System – OS.

A **adaptação**, que pode ser fonética, morfológica e ortográfica se estabelece quando a palavra estrangeira se adapta ao sistema da língua importadora. Realiza-se, em geral, quando o termo alógeno já foi adotado há muito tempo pela cultura importadora. Como, por exemplo: *becape*.

A **incorporação** ocorre quando a unidade lexical adotada sofre alterações fonéticas, mas conserva a sua grafia original. Caso das siglas, como: *Bps; bit per second/ bit por segundo*, em que não utilizamos a pronúncia em inglês.

Segundo sua função, intenção ou necessidade de uso

Os empréstimos lingüísticos podem ser classificados em conotativo ou denotativo.

O empréstimo denotativo é mais freqüente que o conotativo. Possui função referencial, introduz um objeto ou conceito novo na língua receptora, de acordo com a cultura de origem, que geralmente é uma cultura dominante.

O empréstimo conotativo possui função expressiva, constituindo-se num recurso estilístico. Possui uma função social, quando é adotado pela comunidade, ou por ser individual, quando pertence ao idioleto de um falante.

Em nossa pesquisa observamos as lexias que já estão cristalizadas como empréstimos bem como as unidades lexicais ainda registradas em sua forma original na língua inglesa. Esta escolha foi feita justamente porque nosso trabalho tem um caráter de estudo neológico e, no momento em que o estrangeirismo ainda não se tornou um empréstimo no sentido estrito, consideramos que este está em uma fase neológica.

Podemos dizer que em nenhum momento histórico do Português, a língua se viu tão cercada de estrangeirismos. Nenhum outro momento exigiu tamanha atenção aos empréstimos lingüísticos também. Talvez isso se deva ao fato de que em momentos históricos anteriores as palavras circulavam com mais dificuldades, penetravam com menos intensidade e até serem inseridas e fazerem parte do hábito dos falantes, poderiam decorrer décadas inteiras. Atualmente,

não parece haver tempo para identificar escolhas vernáculas. Se uma palavra estrangeira é necessária ao comércio, ao progresso tecnológico ou ao avanço cultural, os meios de comunicação em apenas alguns dias ou meses sedimentam essa palavra na linguagem do dia-a-dia, e conseqüentemente, se o uso desta é freqüente, pode vir a ser dicionarizada, mesmo que ainda na forma estrangeira.

Percebemos em nossa pesquisa que, em sua maioria, as unidades lexicais inseridas no *Aurélio XXI* se encontram na fase neológica de estrangeirismos.

CAPÍTULO III – O FAZER LEXICOGRÁFICO

3. A Lexicologia e a Lexicografia

No presente capítulo apresentamos as contribuições da Lexicografia e Lexicologia ao nosso trabalho. A Lexicologia apresenta-se como uma disciplina científica cuja missão é a investigação lingüística do léxico utilizado por comunidades lingüísticas. A Lexicologia, como estudo científico do léxico, encontra um profícuo campo de estudo nesse ambiente em que há um contínuo nascer de signos, haja vista que o léxico atende às exigências do meio social em constante transformação.

As questões que atuam no campo do estudo da Lexicologia são altamente complexas, pois, sendo o léxico de uma língua um sistema aberto em expansão, torna-se difícil sistematizá-lo em regras. Como diz Biderman (2001, p. 98) “*a notória dificuldade de estudar o léxico de uma língua se deve ao fato de ser este um sistema aberto, contrariamente aos demais domínios lingüísticos como a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe*”.

Se por um lado a Lexicologia enfrenta problemas com a definição e identificação das unidades léxicas, paralelamente a prática lexicográfica padece dos mesmos entraves, pois necessita de rigor científico. O lexicógrafo que desempenha a função de classificar as lexias, deveria fundamentar-se numa

teoria lexical; sendo assim, ele deveria recorrer tanto às teorias lingüísticas quanto aos estudos antropológicos, tendo em vista que a lexia é uma unidade de um grupo, que mesmo que seja individual, traz marcas do social. Infelizmente, os dicionários do português brasileiro ainda carecem desse rigor científico.

Ao longo desses últimos anos a Lexicografia colaborou para a descrição e análise das palavras e viabilizou informações acessíveis aos falantes, pois como simplifica Biderman (2001), *“é a ciência dos dicionários”*. A Lexicografia só começou realmente nos séculos XVI e XVII embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais formados por listas de palavras explicativas com a finalidade de auxiliar o leitor a interpretar os textos da Antiguidade Clássica e da Bíblia. Apesar de ser uma atividade antiga e tradicional, vem despertando grande interesse entre os lingüistas. Resultam do trabalho do lexicógrafo, dicionários monolíngües, bilíngües ou plurilíngües, dicionários de sinônimos e antônimos, dicionários inversos, dicionários analógicos, dicionários enciclopédicos, vocabulários, vocabulários de freqüência, vocabulários fundamentais, vocabulários específicos, glossário, thesaurus, etc.

3.1 O fazer lexicográfico e os dicionários

No momento em que utilizamos os dicionários, não pensamos no trabalho lexicográfico; pouca atenção é dada ao trabalho dos lexicógrafos e tradutores, pois o nosso país não comunga a tradição da análise e do cuidado com a prática lexicográfica, isto não é uma realidade em nosso contexto social. Assim, muitas

vezes mesmo que nossas buscas não sejam supridas, não pensamos e nem racionalizamos sobre este processo.

Convém ressaltar que o fazer lexicográfico é uma tarefa árdua. Há inúmeras dificuldades ao elaborar um dicionário, desde a coleta dos dados, o manuseio da língua, as definições, a organização, a necessidade de ter o conhecimento permeando em diversas áreas, etc.

Com relação à importância dos dicionários em uma comunidade lingüística, deve-se mencionar que o dicionário é depositário não somente dos registros lexicais utilizados por um povo, mas registra também sua cultura, suas ideologias e é um recorte perfeito para os estudos lingüísticos relacionados ao léxico, pois esses registros comprovam o uso e aceitação das unidades lexicais pela comunidade lingüística.

O que é preocupante em nosso país é a falta de critérios para a inserção de unidades nos dicionários variam e não são estabelecidos com bases em estudos científicos. A frequência e o uso de unidades lexicais nos meios de comunicação de massa, como jornais e revistas, tempo em que uma palavra circula são alguns critérios, mas pouco considerados. Nossa atenção volta-se para o caso dos empréstimos lingüísticos, pois exemplos como a presença da unidade lexical *scanner*, da área da Informática, no dicionário *Aurélio XXI* nos leva a questionar a não inserção de termos como *printar* e *estartar*, tão comuns a esta área e não registrados. Talvez por que existem termos vernáculos correspondentes, como *imprimir* e *iniciar*.

3.2. O dicionário Aurélio

O Dicionário Aurélio, como o conhecemos hoje, é uma obra que teve sua primeira edição em 1975 lançada pela Editora Nova Fronteira, resultado do esforço e trabalho do Professor Aurélio Buarque de Holanda.

O nome Aurélio é hoje sinônimo de dicionário, resultado de sua busca incansável pela essência das palavras e por seus sentidos. De 1975 a 1986, o autor e sua equipe trabalharam na elaboração do que seria a segunda edição de seu Dicionário, lançada em novembro de 1986.

Na segunda edição, foram inseridos dados etimológicos e morfológicos das palavras e uma ampliação da nomenclatura. O desenvolvimento crescente das ciências e da tecnologia impôs o aumento da equipe de consultores e colaboradores. Da mesma forma, especialistas de diversas áreas do conhecimento passaram a contribuir com a equipe dos lexicógrafos do Aurélio com novos verbetes e uso das palavras.

Quanto aos estrangeirismos, o professor já indicava certa urgência na pesquisa visando à sua inclusão no dicionário com destaque para anglicismos, galicismos, arabismos, africanismos e variações lusitanas em nossa língua.

Após a morte do autor, em 1989, as tarefas de atualização do dicionário passaram a ser conduzidas por suas duas principais colaboradoras: sua esposa, Marina Baird Ferreira, e Margarida dos Anjos. As duas, assessoradas por um contingente de mais de cinquenta especialistas, apresentaram ao público a terceira edição da obra, objeto de nosso estudo.

À terceira edição da obra em questão foram acrescentados novos verbetes apresentando uma descrição revista e ampliada do português contemporâneo, resultado do trabalho dos pesquisadores especializados em diversas áreas. E convém lembrar que desde a segunda edição foi disponibilizada a versão eletrônica do dicionário. O Novo Dicionário *Aurélio-XXI*, ampliado em quase 25% e totalmente atualizado, representa um passo à frente no permanente trabalho de manter o dicionário síncrono com a língua em sua evolução, com suas novas palavras e seus novos usos. E a versão eletrônica traz novas funções que facilitam ainda mais a consulta e multiplicam as possibilidades de acesso à informação: pesquisa reversa total, pesquisa de categorias gramaticais, pesquisas no âmbito de locuções, etimologias, exemplos e abonações e elementos de composição, além de uma nova interface, mais simples, mais ágil, mais fácil de usar. Cerca de 345 mil verbetes, locuções e definições, dezenas de milhares de exemplos e abonações literárias (que abrangem 1.400 autores).

Apesar disso, o *Aurélio XXI* apresenta inúmeras falhas. Em nossa pesquisa buscamos salientar algumas, mas estudos anteriores aludem também a essa discussão.³

O mestre Aurélio, por ter tomado como modelo o *Diccionario de la Real Academia Española* (1956), considerou como homônimos apenas palavras de étimo diferente. Assim, em alguns casos, o dicionarista distingue homônimos como *banco*, *cabo*, *renda*, mas em outros não, como *barbeiro*, *bote*, *montar*, desconsiderando se estas palavras tiveram uma mesma origem, citados aqui somente para exemplificar.

A edição de 1986 contém 115.243 verbetes. Essa nomenclatura inclui um significativo número de neologismos e estrangeirismos, de unidades técnico-científicos, de palavras desusadas e obsoletas, de vocábulos literários raros, muitos lusitanismos e ainda um número imenso de regionalismos do Brasil, os quais o Aurélio marcou como *brasileirismos*. Há uma incoerência no registro desses brasileirismos, pois o Aurélio registra a região do país em que o vocábulo seria usado, o que parece ser duvidoso.

No prefácio da terceira edição, no que concerne aos empréstimos e estrangeirismos, as lexicógrafas responsáveis não fazem nenhuma consideração relevante, apenas mencionam o fato de que, com o surgimento de novas tecnologias, a língua se modifica por exigência das várias áreas científicas,

³ Entre os estudiosos que já aludiram a essa discussão podemos citar Biderman (1984), (2001), e Sandman (1989), (1991).

literárias, etc. No prefácio do dicionário eletrônico também não se fez menção ao tema.

Sabe-se que, na verdade, o mestre Aurélio aprimorou dicionários que o antecederam e que a ele faltava um estudo científico do labor dicionarístico. Para Biderman (2000)

(...) vemos mestre Aurélio como alguém que caiu na teia da aranha e foi engolindo toda e qualquer palavra que lhe aparecia sem passá-las por um crivo científico, a fim de decidir sobre sua inclusão ou não na nomenclatura de seu dicionário. Pode-se afirmar que para ele “se caiu na rede é peixe”. (BIDERMAN, 2000, p. 39)

Não temos, no Brasil, um órgão específico que cuide da elaboração de dicionários. Vejamos como a Real Academia Espanhola propõe critérios⁴ para inserção e organiza seu trabalho de fiscalização e controle de vocabulário:

- 1) Primeiramente um grupo de especialistas é responsável por todas as decisões que afetam ou modificam o dicionário, como por exemplo: a adição de novos termos ou acepções para termos já existentes como também a supressão destes termos;
- 2) Como este trabalho necessita de uma grande quantidade de mão-de-obra, o grupo de especialistas conta com o apoio de subcomissões: a) uma que se encarrega de assuntos correspondentes à técnica lexicográfica; b) comissões especiais de preparação do dicionário, que trabalham em grupos mais reduzidos para agilizar o trabalho dos órgãos colegiados; c) comissões de especialistas, formadas por vários acadêmicos especialistas nas áreas em que se tratam: 1.

⁴ Informações retiradas da página da Academia Real Espanhola com tradução livre por nós.

comissão de vocabulário técnico-científico; 2. comissão de ciências humanas e 3. comissão de etimologia.

- 3) Quanto à atualização das unidades, o Instituto de Lexicografia prepara material e apresenta ao órgão responsável, que em particular, documenta as propostas e discute com a comissão responsável.
- 4) Além disso, a Academia conta com um Banco de Dados do Espanhol com mais de 400 milhões de registros, em um depósito sincrônico (o CREA) e um diacrônico (o CORDE).

Uma vez confeccionadas, as propostas são enviadas à Comissão; se aprovadas passam para as Academias Americanas, e assim, depois de discutidas e observadas, são definitivamente aprovadas.

Percebemos assim, que a produção lexicográfica no Brasil ainda tem muito para se desenvolver e que trabalhos como o aqui apresentado tenta contribuir para tal discussão. Não queremos dizer que o labor lexicográfico de toda a equipe do *Aurélio XXI* deve ser desprezado, pelo contrário, apresentamos algumas sugestões de como esse fazer lexicográfico pode ser aprimorado para que nós tenhamos, assim, uma política do idioma estabelecida.

Na parte dedicada à análise de nosso trabalho, buscaremos apontar mais falhas nesse dicionário.

3.3 A política do idioma e uma política dicionarística

Em 1999 foi elaborado um Projeto de Lei nº. 1676, de autoria do Deputado Federal, Aldo Rebelo, que dispõe sobre a “*promoção, a proteção, a defesa e o uso da língua portuguesa e dá outras providências*”. Este projeto prevê a restrição do uso da palavra ou expressão em língua estrangeira no português do Brasil, ressalvados os casos excepcionados em lei, utilizando como mecanismo de punição a cobrança de multas que podem chegar a R\$ 12 mil (doze mil reais). Atualmente, não se fala mais nesses valores.

O Projeto de Lei considera:

- i) *prática abusiva o uso de palavra ou expressão em língua estrangeira quando existir um equivalente em língua portuguesa;*
- ii) *prática enganosa se tal palavra ou expressão puder conduzir qualquer pessoa a erro ou ilusão; e*
- iii) *prática danosa ao patrimônio cultural se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.*(p.3)

O projeto defende que as palavras e expressões em língua estrangeira consagradas pelo uso e registradas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, além daquelas que decorrem de razão social, marca patente legalmente constituída poderão ser usadas na língua portuguesa. As demais palavras poderão ser traduzidas ou aportuguesadas quando da inexistência de uma palavra vernácula.

Uma das preocupações do elaborador do Projeto de Lei recai na descaracterização da língua portuguesa diante da entrada de palavras estrangeiras. Sabe-se que é freqüente o uso de palavras estrangeiras no português do Brasil, porém muitas palavras não atingem o nível de empréstimo. Pela própria natureza são estrangeirismos, pois não estão incorporados ao sistema lingüístico do português e não têm uso generalizado entre os falantes. Usam-se estrangeirismos em nomes de bares e lojas, em estampas de camisetas e em propagandas. O nome estrangeiro chama a atenção e, para muitos, o uso dessas expressões parece tornar o produto ou estabelecimento mais chique e com aparência sofisticada. Empregos dessa natureza são registros de um código dentro de um outro código, e um não faz parte do sistema do outro. Mesmo que os registros se entrelacem, como afirma Faulstich (1999)

Nenhuma língua se desnacionaliza porque expressões estrangeiras entram nela. A questão é saber até onde tais expressões passam a fazer parte da língua como sistema e até onde são registros que passam a fazer parte de um código usado em situações específicas. (FAULSTICH, 1999, p. 56)

O empréstimo, propriamente dito, é um fenômeno comum nas línguas do mundo, e o próprio português do Brasil, fortemente enriquecido com empréstimos do árabe, do tupi, das línguas africanas e das línguas dos imigrantes de diversas etnias, não deixou de ser língua portuguesa por isso.

O que é fato é que não há como interditar o uso do empréstimo. Ele é necessário, principalmente em países importadores de tecnologia, que se modernizam às custas das novas invenções e dos termos que as denominam. É

interessante, contudo, observar de que maneira a comunidade lingüística reage às inovações.

Nosso trabalho não tem a intenção de categorizar se é correta ou não a adoção dos empréstimos, mas sim atentar para o estudo e discussão acerca do tema, em especial se tratando da inserção de tais elementos em dicionários. Concordamos com Rajagopalan (2003) quando ele propõe que:

É preciso, em outras palavras, reconhecer que a questão política lingüística não pode ser tratada como um simples adendo a teorias concebidas ao largo de qualquer vínculo entre linguagem e política(...) É preciso, com urgência, encarar a dimensão política da linguagem, sob pena de sermos ultrapassados pela marcha dos acontecimentos ao nosso redor. (RAJAGOPALAN, 2003, p. 104)

Quando os empréstimos lingüísticos advêm massivamente de uma única língua, constituem um perigo real para quem cresceu ouvindo o mito de que a língua “nacional” não cumprirá mais sua função de sentinela da nação, caso seja “contaminada” por palavras e expressões estrangeiras. A invasão estrangeira resultará no controle pela língua dominante (neste momento da história, o inglês), que levará à perda da identidade e da coesão nacionais. Esta posição de salvaguardar a língua é discurso pertencente ao senso comum. Para os lingüistas e estudiosos da mudança lingüística ainda não temos evidências capazes de sustentar o postulado de que o influxo de empréstimos podem resultar na alteração do sistema léxico-gramatical da língua “receptora”.

Segundo Possenti (2001)

É provável um equívoco considerar o fenômeno do emprego de palavras estrangeiras como desnacionalização, por um lado, e como empobrecimento, por outro. Uma análise um pouco mais cuidadosa mostraria que a “invasão” se limita a alguns nichos (lugares como os *shoppings* e campos lexicais como o da informática talvez choquem) que não representam nem de longe o país, apesar de sua visibilidade. Por outro lado, a tal invasão certamente não empobrece o português. Tomada a língua como língua, o efeito é inverso: ela se enriquece. Insisto: as palavras estrangeiras usadas mais ou menos correntemente são pouco numerosas, apesar da sensação contrária. (POSSENTI, 2001, p. 169)

Para Possenti, a discussão do projeto de Lei de Aldo Rebelo não devia ser estritamente uma preocupação em proteger a língua, mas sim explorar e discutir os fatores culturais e econômicos que esta invasão representa. A entrada de unidades de uma outra língua não atinge todos os falantes; por exemplo, um camponês não compreenderá a palavra *printar*, pois essa não faz parte de sua realidade, e não por que o termo é do inglês ou porque ele é camponês. Compreender ou não uma língua ou uma variedade dela é um problema de escolaridade do cidadão e de freqüência a discursos. O que indica ser falsa a velha idéia de que temos uma só língua, se por isso se entender que todos os brasileiros nos compreendemos acerca de qualquer tema. O fato é que esta discussão acerca dos estrangeirismos é de caráter político e paralelamente de caráter lingüístico.

O Brasil carece de discussões acerca de uma política lingüística e acima de tudo de uma política dicionarística. Nossos pesquisadores em estudos lexicográficos ainda não interferem na produção massiva de dicionários e estes são elaborados de forma pouco científica. As Academias Espanhola e Francesa estão alguns passos à frente, pois carregam a tradição de conservar e preocupar-se com a confecção dos dicionários das línguas espanhola e francesa. Há todo um

cuidado com a língua, estabelecendo assim critérios e criando órgãos de fomento e pesquisa nas áreas lexicográficas.

CAPÍTULO IV– CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E ANÁLISES DOS DADOS

4. Critérios de seleção e apresentação do *corpus*

A constituição do *corpus* de nossa pesquisa resultou na descrição e análise de neologismos por empréstimo oriundos da língua inglesa da área da Informática inseridos no dicionário *Aurélio XXI*. A escolha deste dicionário fundamenta-se na sua grande circulação, atingindo milhares de consulentes em todo o país e por sua tradição na mídia brasileira. Para recolher as lexias, consultamos a pesquisa reversa do dicionário eletrônico, selecionando a rubrica da Informática e assim, uma a uma, coletamos as unidades lexicais que se apresentavam como oriundas do inglês, como adaptação do inglês ou como estrangeirismos.

À medida que coletávamos as unidades, as dividimos em unidades já apresentadas como empréstimo, ou seja, já adaptadas ao português, e unidades registradas ainda em caráter de estrangeirismo, ou seja, apresentam-se tal como a língua exportadora.

4.1. Transcrição do *corpus*

Apresentamos a seguir as 122 (cento e vinte duas) unidades lexicais por nós recolhidas do *Aurélio XXI*. As unidades estão aqui registradas da mesma forma que se encontram no dicionário. A apresentação está em ordem alfabética. A ficha completa com as definições das unidades encontra-se em anexo.

Itens lexicais

acessar	→ clipboard
→ alias	→ cluster
→ array	□ cobol
arroba	conectar
□ ASCII	console
→ assembler	□ CPU
→ backbone	cursor de mouse
→ backup	→ default
→ basic	deletar
→ batch	→ desktop
bate papo	disco de boot
□ BBS	disquete
becape	□ DOS
→ bit	→ download
→ bookmark	→ drive
→ boot	→ driver
□ bps	□ DTP
→ browser	elo
→ buffer	encriptar
→ bug	enter
→ byte	□ EPROM
→ cache	escanear
□ CAD	→ exabyte
□ CAD/CAM	→ fax-modem
→ CASE	□ FORTRAN
□ CD-ROM	→ gate way
→ chat	□ GB

gigabyte
→ hacker
→ hardware
□ HD
□ HDD
→ help
hipermídia
→ homepage
□ HTML
→ hyperlink
inicialização
inicializar
→ input
interface
→ internet
→ job
→ joystick
□ KB
→ kilobit
→ kilobyte
→ laptop
linguagem assembly
→ link
→ LISP
→ lock
→ log
→ login
→ logoff
→ loop
→ mainframe
→ master
□ Mb
→ megabit
→ megabyte
□ MIDI
→ modem
→ mouse
→ notebook
→ off-line

→ on-line
□ OS
→ output
palmtop
papo on-line
papo virtual
→ pixel
→ plotter
→ postscript
processo de entrada
processo de saída
□ Prolog
→ prompt
rato
→ scanner
→ script
→ setup
→ site
sítio
→ software
□ SQL
→ terabyte
→ time-sharing
→ upgrade
→ upload
vetor
web
www
zum

4.2. Da análise dos dados

4.2.1. Composição das fichas analíticas.

Iniciaremos a análise do nosso *corpus* apresentando as 122 (cento e vinte e duas) fichas analíticas dos neologismos por empréstimo e estrangeirismos, que assim se estruturam: item lexical neológico, classe gramatical e gênero, definição e processo de formação neológica que o produziu. A análise da classe gramatical e gênero da lexia seguem as orientações do próprio dicionário, ressaltando que para algumas entradas o dicionário não informa a classe, mantida por nós. As fichas se encontram em anexo.

A definição em que estágio se encontra cada unidade lexical apresenta-se em: 1) Empréstimo (itens já adaptados ao português) ou Estrangeirismo (itens registrados como na língua inglesa), 2) Empréstimo por decalque (itens que sofreram tradução literal), 3) Estrangeirismos que também se apresentam como decalque (itens que já sofreram a tradução literal, mas ainda têm entrada na língua inglesa), 4) Empréstimos por Incorporação (itens que se apresentam como na língua inglesa, mas sofreram adaptações fonéticas)⁵ e 6) fraseologias.

Para a elaboração destas fichas utilizamos (com algumas adaptações) o modelo proposto por Alves e Carvalho (1984) e (1989), citadas anteriormente. As mesmas se encontram em anexo.

⁵ O Aurélio XXI não traz transcrição fonética, esta classificação foi feita por nós por meio de materiais e profissionais da área.

4.2.1.1. Empréstimo

Consideramos empréstimos lingüísticos todas as unidades que sofreram modificações e encontram-se adaptadas ao português. Nesse sentido, ainda subdividimos os empréstimos em: 1) Empréstimo por adaptação, 2) empréstimo por incorporação e 3) empréstimo por decalque.

4.2.1.2. Empréstimo por adaptação

Incluem-se no grupo dos empréstimos por adaptação as unidades lexicais que já sofreram alteração de âmbito fonético, fonológico e morfológico, ou seja, já se adaptaram ao sistema da língua portuguesa. Ao seleccionar as unidades do *Aurélio XXI*, consideramos empréstimos aquelas que não eram antecedidas por uma seta (→). Abaixo listamos tais unidades:⁶

**acessar
arroba
becape
conectar
console
deletar
disquete**

**encriptar
enter
escanear
hipermídia
inicialização
inicializar
interface**

**papo virtual
processo de entrada
processo de saída
rato
sítio
vetor
web
zum**

4.2.1.3. Empréstimo por decalque

Entendemos por decalque as unidades lexicais que sofreram tradução literal. Listamos aqui a forma registrada na língua estrangeira e sua respectiva

⁶ Inserimos aqui as unidades enter e web por estas não serem precedidas por seta, mas ao nosso ver, estas unidades ainda não sofreram alterações morfológicas para pertencerem a este grupo.

tradução, visto que o *Aurélio XXI* traz as duas realizações, e em todos os casos abaixo, a entrada aparece na língua estrangeira remetendo-se a unidade lexical já traduzida; ou seja, por exemplo, ao procurar → **alias**, o consulente terá uma remissiva para **atalho**.

Assim temos:

→ **alias / atalho**

→ **array/ vetor**

→ **assembler/ montador**

→ **boot/ iniciação**

→ **browser/ navegador**

→ **chat/ papo virtual**

→ **clipboard/ área de transferência**

→ **cluster/ grupamento**

→ **desktop- subentrada - desktop publishing/ editoração eletrônica**

→ **drive / acionador**

→ **elo**

☐ **HD/ Disco rígido**

☐ **HDD/ disco rígido**

→ **help/ ajuda**

→ **hyperlink / elo de hipertexto**

→ **inicialização / iniciação**

→ **input / entrada**

→ **Internet/ também se diz rede**

→ **lock / bloqueio**

→ **setup / configuração**

→ **site / sítio (12 e 13)**

→ **upload subentrada- fazer upload/ carregar**

→ **rato/ mouse**

4.2.1.4. Empréstimos por incorporação

A incorporação ocorre quando a unidade lexical adotada sofre adaptações fonéticas, mas conserva a sua grafia original. Para esse caso, selecionamos em sua totalidade as siglas, pois não utilizamos a pronúncia em inglês.⁷

☐ **ASCII**

☐ **BBS**

☐ **bps**

☐ **CAD**

☐ **CAD/CAM**

☐ **CD-ROM**

☐ **cobol**

☐ **CPU**

☐ **HTML**

☐ **KB**

☐ **MIDI**

☐ **Mb**

☐ **OS**

☐ **Prolog**

☐ **SQL**

☐ **DOS**

☐ **DTP**

☐ **EPROM**

☐ **FORTRAN**

☐ **GB**

☐ **HD**

☐ **HDD**

☐ **www**

⁷ Em conversas com profissionais da área apresentamos as unidades por nós coletadas e percebemos como estas eram pronunciadas, e em sua maioria, constatamos adequação ao sistema fonológico da língua portuguesa.

□ URL

4.2.1.5.Fraseologias

Neste grupo, listamos as fraseologias por nós coletadas. Por vezes, a frase vem como subentrada do verbete, assim, informamos os dois. Nas fraseologias percebemos uma mistura de unidades da língua portuguesa e da língua inglesa, como em *dar boot*, *cursos de mouse*, etc.

→ bit/ Bit de paridade

→ boot / dar boot

cursor do mouse

→ desktop/ desktop publishing

disco/ disco de boot

→ download/ fazer um download

interface/ interface de comando, interface de usuários

linguagem assembly

→ loop/ loop infinito

papo/ papo on-line

papo/ papo virtual

processo/ processo de entrada

processo/ processo de saída

→ upload/ fazer upload

4.2.1.6. Estrangeirismo

Consideramos estrangeirismos as unidades lexicais registradas ainda na língua inglesa e que não sofreram nenhuma alteração e que no *Aurélio XXI* estão antecedidas por uma seta (→).⁸

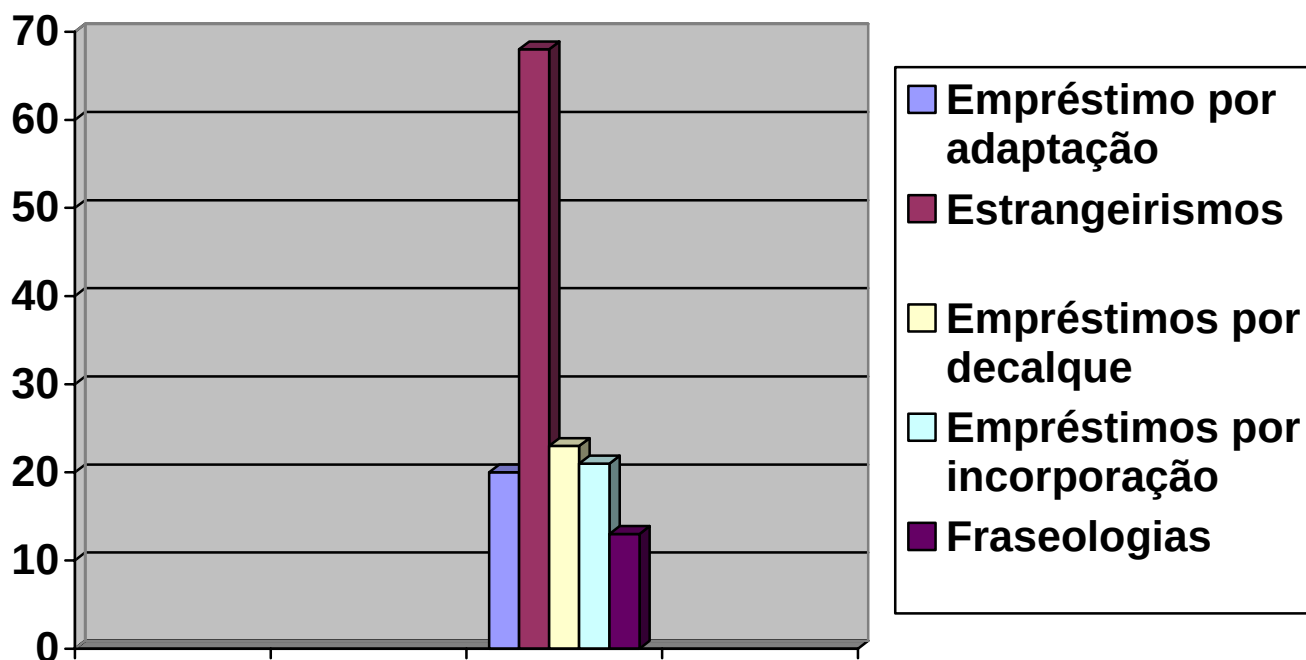
→ alias	→ internet
→ array	→ job
→ assembler	→ joystick
→ backbone	→ kilobit
→ backup ⁹	→ kilobyte
→ basic	→ laptop
→ batch	→ link
→ bit	→ LISP
→ bookmark	→ lock
→ boot	→ log
→ browser	→ login
→ buffer	→ logoff
→ bug	→ loop
→ bite	→ mainframe
→ cache	→ máster
→ CASE	→ megabit
→ chat	→ megabyte
→ clipboard	→ modem
→ cluster	→ mouse
→ default	→ notebook
→ download	→ off-line
→ drive	→ on-line
→ driver	→ palmtop
→ exabyte	→ pixel
→ fax-modem	→ plotter
→ gateway	→ postscript
→ hacker	→ prompt
→ hardware	→ scanner
→ help	→ script
→ homeage	→ setup
→ hiperlink	→ site
→ input	

⁸ É possível que algumas dessas unidades já tenham sofrido adaptação fonológica, mas como o dicionário não faz menção a isso, e nem traz a transcrição fonética, as consideramos estrangeirismos.

⁹ Apesar de já termos a forma adaptada (becape) o dicionário ainda traz a forma origem.

- software
- terabyte
- time-sharing
- upgrade
- upload

O gráfico abaixo registra quantitativamente as ocorrências da classificação por nós proposta. Assim, concluímos que a maior parte das unidades lexicais registradas no *Aurélio XXI* ainda encontram-se em estado de estrangeirismo.



4.3. Considerações acerca das falhas encontradas no *Aurélio XXI*

O dicionário de língua geral se circunscreve essencialmente (e logicamente) de signos lingüísticos. Ele trata basicamente, dos signos, sem desprezar, no entanto, um tratamento das coisas como coloca Rey –Debove (1971):

On dit notamment que le dictionnaire de langue traite de mots et non de choses, ce qui est impossible puisque toutes les entrées nominales sont signes- nommant et de choses- nommées. La définition de noms, à elle seule, parte du signe et de la chose, elle est le lieu de rencontre d'un discours sur le signe et d'un discours sur le monde... (REY-DEBOVE, 1971: 32)¹⁰

Tomando por base a citação acima, deduz-se a existência de um vínculo quase que indissolúvel entre os signos e as coisas. E é justamente na definição que encontramos esse vínculo.

Um outro aspecto que caracteriza os dicionários de língua geral é o grande número de entradas que compõem sua nomenclatura, cuja escolha se fundamenta, de maneira geral, no uso freqüente de lexemas pela comunidade de falantes.

Quanto ao caráter, tal obra exprime um efeito normativo, propondo-se sempre a firmar o uso “correto” da língua, ao se basear em autores clássicos. Atualmente, os dicionaristas que se dedicam a obras dessa natureza são, em sua maioria, bastante liberais, pois se baseiam tanto em autores clássicos como em

¹⁰ Dizemos especialmente que o dicionário de língua trata de palavras e não de coisas, o que é impossível uma vez que todas as entradas nominais são signos- designados e de coisas- nomeadas. A definição dos nomes por si só, parte do signo e da coisa, ela é o lugar de encontro de um discurso sobre o signo e de um discurso sobre o mundo. (REY-DEBOVE, 1971: 32).

registros arcaicos, estrangeirismos, neologismos, tecnicismos e palavras vulgares.

Nesses dicionários, a etimologia (ou origem dos itens lexicais), muitas vezes, se faz presente. Afinal, essa informação geralmente satisfaz a curiosidades de quem consulta esse produto lexicográfico.

Uma obra como o dicionário de língua geral organiza-se sempre em uma macroestrutura e uma microestrutura.

Entende-se por macroestrutura não só o conjunto ordenado de todos os lemas de um dicionário, mas também todas as informações e textos apresentados pelos dicionaristas- prefácios, lista de abreviações, apêndices, bibliografia, conjugação dos verbos, resumos gramaticais, rol de expressões em língua estrangeira etc. Já a microestrutura compreende a estrutura da informação no interior do verbete, isto é, um programa informacional constando de todos os objetos, e que se ligam horizontalmente ao segmento da entrada.

Apresentamos basicamente os conceitos de macro e microestrutura, pois as análises a seguir foram subdivididas em tais categorias.

4.3.1. Quanto à macroestrutura:

a) Quanto às marcas de inserção

Em se tratando de estrangeirismos e empréstimos lingüísticos, que são o foco principal de nossa pesquisa, percebemos que o *Aurélio XXI* registra tais elementos da seguinte maneira:

1. as unidades lexicais que ainda se encontram em caráter de estrangeirismos, ou seja, ainda não sofreram adaptações ao sistema lingüístico do português são sempre precedidas por uma seta (→);
2. as unidades lexicais já incorporadas ao português não trazem nenhuma marca de inserção, a não ser a informação etimológica;
3. As siglas são sempre precedidas por um quadradinho(□)

b) Organização da nomenclatura: entradas e subentradas; remissivas e conseqüente circularidade

Ao analisarmos como o *Aurélio XXI* organiza as entradas e subentradas, e também como se dá o processo de remissivas, buscamos organizar nossas colocações e conclusões de maneira que nossa hipótese é a de que o *Aurélio XXI* carece de critérios para a inserção das unidades lexicais oriundas da língua inglesa da área da informática.

Verificamos que, de maneira geral, as definições são elaboradas da seguinte maneira: a) para as unidades lexicais já incorporadas ao sistema lingüístico da língua portuguesa, obviamente, a definição se dá no verbete em língua portuguesa, b) para as siglas, que foram por nós aqui consideradas empréstimos por incorporação, registra-se também a definição como na forma da língua materna, c) os estrangeirismos, ou seja, as unidades lexicais que o *Aurélio XXI* registra precedidas por uma seta(→) têm suas definições na forma estrangeira- quando não há um correspondente na língua portuguesa e para as correspondentes, a definição é feita em tal entrada.

Por exemplo:

a) acessar

[De acesso + -ar2; adapt. do ingl. (to) access.]

V. t. d. Inform.

1. Estabelecer comunicação com (computador, ou dispositivo a ele ligado), para fazer uso de seus recursos, ou dos serviços por ele oferecidos.

2. P. ext. Obter ou utilizar dessa maneira (dados, arquivos, programas, serviços, etc., armazenados ou processados em computador): 2

No caso acima temos uma entrada já lexicalizada e sua definição não remete a outra entrada que tenha referência com a língua estrangeira.

□ASCII

(ásqui). [Acrôn. do ingl. American standard code for information interchange, 'código padrão americano para intercâmbio de informações'.]

Inform.

1. Sigla que designa um esquema padronizado de representação de caracteres por meio de bytes, amplamente adotado em minicomputadores e microcomputadores. [O ASCII básico, introduzido em 1963, utilizava 7 bits para representar 128 caracteres; o ASCII estendido usa 8 bits e abrange um conjunto de 256 caracteres, entre os quais letras, números e sinais de pontuação.]

[Tb. us. com valor adjetivo, quando antecedido de outro substantivo: 2]

Como em nosso trabalho não classificamos as siglas como estrangeirismos, adotamos a premissa de que as definições desses verbetes não nos remete a uma entrada em língua estrangeira.

c) Um exemplo de unidade lexical em que se fez a definição na forma estrangeira:

→ backbone

[Ingl., lit. 'espinha dorsal'.]

S. m. Inform.

1. Rede de computadores capaz de transmitir e processar dados em alta velocidade, responsável por garantir o tráfego de informações entre redes menores a ela ligadas.
2. A parte de uma rede de computadores, ou sua estrutura física, que suporta o maior tráfego de informações.

No caso supracitado, a definição não apresenta indicações desse verbete em língua portuguesa.

Mais um exemplo:

→ boot

[Ingl., abrev. de bootstrap, lit., 'correia de bota', us. na expr. by one's own bootstraps, 'por seus próprios meios'.]

S. m. Inform.

1. V. iniciação (8).

Assim, neste caso, a definição se faz na forma correspondente desse verbete em língua portuguesa. Para termos a definição desse verbete devemos recorrer a entrada – iniciação(8). E ao observarmos a definição nota-se que o dicionarista faz menção ao correspondente em língua inglesa.

iniciação

8. Inform. Processo pelo qual um computador ou periférico é preparado para uso, e que compreende rotinas automáticas de teste dos seus componentes, carga

do sistema operacional e, por vezes, a identificação do usuário e a restauração dos parâmetros de sua configuração personalizada. [Corresponde ao ingl. boot.]

De maneira geral, assim são organizadas as entradas, subentradas e remissivas, porém alguns casos por nós registrados não se incluem nessa organização. Estudaremos alguns casos com a intenção de melhor explicar e clarificar as incoerências por nós encontradas em nossa obra de análise.

Alguns casos problemáticos

Mencionamos anteriormente que percebemos aleatoriedade na inserção das unidades lexicais no *Aurélio XXI*, como no casos em que se registra *encriptar*, *deletar* e não temos registradas unidades contemporâneas, como *printar*, *estartar*. Encontramos em nosso *corpus* outros casos de inserção aleatória, ou melhor dizendo, incoerência. Assim temos:

□KB

kb

Inform.

1. Símb. de kilobit.

kB

Inform.

1. Símb. de kilobyte

→ kilobit

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2¹⁰ (i. e., 1.024) bits [símb.: **kb**] .

[Por vezes, us. como equivalente a um mil bits.]

→ kilobyte

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2^{10} (i. e., 1.024) bytes [símb.: **kB**] .

[Por vezes, us. como equivalente a um mil bytes.]

□Mb

1. Símb. de megabit (q. v.).

MB

1. Símb. de megabyte (q. v.).

→ megabit

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2^{20} (i. e., 1.048.576) bits [símb.: **Mb**] .

[Por vezes, us. como equivalente a 1 milhão de bits.]

→ megabyte

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2^{20} (i. e., 1.048.576) bytes [símb.: **MB**.]

[Por vezes, us. como equivalente a 1 milhão de bytes.]

As siglas acima apresentadas são mencionadas nas definições dos verbetes, mas vejamos o caso abaixo:

→ terabyte

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2^{40} bytes [símb.: TB] .

Ao buscarmos no dicionário a entrada do símbolo TB, percebemos que esta não está registrada no que concerne a área da informática, o registro que temos de tal sigla nos remete ao símbolo de térbio da química.

Ainda apresentamos mais dois casos de incoerência. Ao analisarmos as fraseologias *processo de entrada* e *processo de saída*, percebemos que ambas nos remetem as unidades lexicais estrangeirizadas (neologismos).

Processo de entrada. Inform.

1. V. input (2).

Processo de saída. Inform.

1. V. output (3).

Mas ao contrastarmos as definições notamos que em *input* o dicionário nos remete a *entrada*, que nos oferece três acepções para essa unidade. Já em *output* o dicionário não nos remete a nenhuma realização e nenhuma das entradas, tanto *input* ou *output* não nos remete a *processo de entrada* ou *processo de saída*.

→ input

V. entrada(16-18)

entrada

16. Inform. Transferência de uma informação externa para o processador central ou para um dispositivo intermediário de armazenamento.
17. Inform. P. ext. Qualquer informação externa fornecida a dispositivo para processamento.
18. Inform. Dispositivo, processo ou canal que intervém numa operação de transferência de dados.

[Sin., nas acepçs. 16, 17 e 18: input. Cf., quanto às mesmas acepç., saída (11 a 13).]

→ output

2. Inform. Resultados fornecidos após um processamento; dados de saída.
3. Inform. Dispositivo, processo ou canal que intervém numa operação de transferência de dados de um computador para meio externo; canal de saída, dispositivo de saída, processo de saída.

[Cf. input.]

Em nossa pesquisa, verificamos diversos casos em que a definição da unidade lexical registrada como estrangeira ocorre na entrada do verbete correspondente na língua portuguesa, assim temos:

→ alias

[Ingl. < lat.]

S. m. Inform.

1. V. atalho (5).

E em *atalho*, temos:

5. Inform. Referência adicional a um objeto de interface, destinada a facilitar o acesso a este.
6. Inform. Conjunto de teclas que, us. combinadamente, permitem executar com mais rapidez ou simplicidade certas operações, sem que seja necessário recorrer a menus ou ao mouse; tecla de atalho.

Este caso é quase uma regra geral, como comprova os casos abaixo em que apenas citamos e comentamos, sem incluir a definição completa. Veja-se:

→ assembler- - A entrada remete-nos ao verbete *montador*. Na entrada *montador* há uma informação de que corresponde ao inglês *assembler*/ linguagem *assembly*.

→ boot – Remissiva para *iniciação* com indicação do correspondente em inglês.

→ browser – Remissiva para *navegador*, indicado entre os sinônimos.

→ clipboard – Remissiva para *área de transferência*, porém não indica o correspondente em inglês.

→ cluster- remissiva para *grupamento*; mas em *grupamento* não há menção de *cluster*.

CPU-Remissiva para *Unidade Central de processamento*, onde indica a sigla em inglês.

→ drive – Remissiva para *acionador* e indica o correspondente em inglês.

→ HD – Remissiva para *disco rígido* e indica a sigla em inglês.

→ HDD- Remissiva para *disco rígido* e indica a sigla em inglês.

→ help- Remissiva para *ajuda*, porém, na remissiva não há menção do correspondente em inglês.

→ hyperlink- Remissiva para *inicialização* com indicação do correspondente em inglês.

→ input – Remissiva para *entrada*, sem indicação do correspondente na língua inglesa.

→ setup- Remissiva para *configuração*, sem indicação do correspondente na língua inglesa.

Mas encontramos casos em que ocorre o inverso, a definição se fez na forma estrangeira, veja-se em:

backup

[Ingl., 'substituto, reserva'.]

S. m. Inform.

1. Procedimento, método ou unidade empregados em caso de falha do procedimento, do método ou da unidade do computador original ou principal.
2. Cópia de um arquivo, que é guardada como reserva para o caso de destruição ou inutilização do arquivo original; cópia de segurança.

[Tb. usado adjetivamente, após um substantivo, e ligado ou não a este pela preposição de.]

[F. aport.: becape.]

Apesar de termos o correspondente becape, registrado na língua portuguesa, a definição foi feita na forma estrangeira.

Entre os casos por nós analisados, dois em particular chamaram nossa atenção, pois percebemos que ao fazer a remissiva, a definição perdeu-se no caminho não solucionando a dúvida do consulente.

Vejamos:

→ lock

[Ingl.]

S. m. Inform.

1. V. bloqueio.

A entrada acima pede ver bloqueio, mas ao buscarmos em bloqueio percebemos que não há nenhuma definição desse verbete no que tange à área da informática. Comprovemos:

bloqueio:

[Dev. de bloquear.]

S. m.

1. Cerco ou operação militar com que se procura cortar a uma praça ou a um porto as comunicações com o exterior.
2. Interrupção no desenvolvimento de algo.
3. Anest. Interrupção da condutibilidade de uma via nervosa.
4. Eletrôn. Numa válvula de vácuo, corte da corrente de placa por uma polarização negativa conveniente da grade.
5. Esport. No voleibol, parede de mãos erguidas pelos jogadores para tentar neutralizar o ataque adversário.
6. Fisiol. Farmac. Impedimento, mediante administração de droga, de fenômeno fisiológico ou de efeito de outra droga.
7. Psiqu. Parada súbita na execução de um ato ou de um gesto, ou na emissão de uma palavra, ou detenção súbita e transitória do curso do pensamento, sem comprometimento intelectual ou sensorial, sintoma freqüente em certas doenças mentais, especialmente na esquizofrenia.

8. Bras. CE Fig. Cota pecuniária para qualquer festividade.
9. Bras. CE P. ext. Cota de pagamento do baralho, em jogo de cartas.

Não encontramos na definição acima nenhuma acepção para tal unidade em relação à área da informática.

Mais um caso em que, ao escrutinarmos as remissivas, percebemos que não encontramos uma definição clara para o verbete.

→ site

[Ingl., lit., 'sítio', 'lugar'.]

S. m. Inform.

1. V. sítio (12 e 13).

Indo para as acepções (12 e 13) de sítio temos:

sítio:

12. Inform. Qualquer servidor (7) da Web, ou, p. ext., o endereço (v. URL) em que pode ser acessado.

13. Inform. Conjunto de documentos apresentados ou disponibilizados na Web por um indivíduo, instituição, empresa, etc., e que pode ser fisicamente acessado por um computador e em endereço específico da rede.

[Cf. homepage.]

Tais acepções nos remetem a URL e pede confrontar com *homepage*, assim:

□ URL

[Sigla do ingl. u(niform) (ou, originalmente, universal) r(esource) l(ocator), 'localizador uniforme (ou universal) de recursos'.]

1. Sigla que designa a localização de um objeto na internet (rede mundial de computadores), segundo determinado padrão de atribuição de endereços em redes.

→ homepage

[Ingl., lit., 'página original' ou 'página de base'.]

S. f. Inform.

1. Página de entrada em um site da Web, ou de outro sistema de hipertexto ou de hipermídia, que ger. contém uma apresentação geral e um índice, com elos de hipertexto que remetem às principais seções de conteúdo do site, visando facilitar a navegação pelo sistema; página inicial, página default.

[Usa-se, impr., como designação de qualquer página da Web, ou mesmo, por sinédoque, de todo um site.]

[A forma mais correta, e mais us., em ingl. é home page.]

Ao chegarmos em *homepage* o dicionário nos indica página inicial, página default. Assim buscamos tais definições e constatamos que não há registros no dicionário desses elementos. Ao buscarmos em página encontramos:

página

7. Inform. Página da Web (q. v.), ou, p. ext., site ou homepage.

E uma subentrada para

página da WEB

1. Qualquer documento que se pode consultar na Web em uma localização ou endereço específico (a sua URL de identificação). [É composto de um arquivo básico, codificado em HTML, e que pode indicar (por meio de elos) e requerer outros arquivos complementares, como, p. ex., de imagens ou de sons, e scripts.] [Tb. se diz apenas página.]

Portanto, percorrendo todo esse caminho percebemos que nenhuma das definições por nós aqui encontradas faz menção ao item lexical *site*.

A seguir listamos mais alguns casos considerados por nós problemáticos.

Vejamos:

→ chat

[Ingl., 'conversa informal'.]

Inform.

1. Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual.

No caso acima não há indicação de remissiva para outras realizações, apenas cita-as como sinônimos, mas percebemos que realizações como *bate papo on-line*, *bate papo virtual*, *papo virtual* e *papo on-line* indicam remissiva para Chat, conforme comprovamos abaixo com a transcrição dos verbetes.

bate papo

bate-papo on-line.

1. Inform. V. chat.

bate-papo virtual.

1. Inform. V. chat.

Papo on-line. Inform.

1. V. chat.

Papo virtual. Inform.

1. V. chat.

Papo on-line e papo virtual são subentradas de papo.

Ainda encontramos:

→ backup- em que não há remissiva para a forma aportuguesada, apenas uma informação.

→ backup

[Ingl., 'substituto, reserva'.]

S. m. Inform.

1. Procedimento, método ou unidade empregados em caso de falha do procedimento, do método ou da unidade do computador original ou principal.

2. Cópia de um arquivo, que é guardada como reserva para o caso de destruição ou inutilização do arquivo original; cópia de segurança.

[Tb. usado adjetivamente, após um substantivo, e ligado ou não a este pela preposição de.]

[F. aport.: becape.]

Buscamos com esta amostragem de exemplos apontar algumas deficiências na organização das inserções de unidades lexicais no corpo do dicionário *Aurélio XXI*.

A título de exemplificação e curiosidade, em conversas informais com nativos de Portugal, perguntamos se unidades como *mouse*, *on line*, *input* eram por eles conhecidas, recebendo uma resposta positiva, mas lembraram-nos que pode ocorrer casos na linguagem cotidiana em que diz-se *rato*, *em linha* etc. O *Aurélio XXI* apresenta como subentrada do lexema *rato* uma menção a Portugal, dizendo que em tal país o que nós aqui utilizamos como *mouse* é lá aceito com *rato*, caso que não ocorre com nenhum lexema a mais, como por exemplo *on line*, *input* etc. Mais uma vez percebemos que as escolhas e definições de tal dicionário são de certa forma aleatórias.

4.3.2. Quanto à microestrutura

a) Quanto às marcas etimológicas

Outro aspecto que nos chamou atenção ao coletarmos os dados de nossa pesquisa diz respeito à relação e maneira como o dicionário em questão organiza as marcas referentes à origem. Assim, temos registradas marcas diferenciadas para o registro das unidades. Temos diversas classificações: a) anglicismo, b) do inglês, c) adaptação do inglês, d) acrônimo do inglês e) abreviação do inglês e f) aportuguesamento do inglês, como seguem os exemplos abaixo:

a) inicialização

[De inicializar + -ção; ingl. initialization.]

S. f. **Angl. Inform.** 1. V. iniciação (8 a 10).

b) hacker

[**Ingl.**, substantivo de agente do v. to hack, 'dar golpes cortantes (para abrir caminho)', anteriormente aplicado a programadores que trabalhavam por tentativa e erro.

c) acessar

[De acesso + -ar²; **adapt. do ingl.** (to) access.]

d) □ASCII (ásqui). [**Acrôn. do ingl.** American standard code for information interchange, 'código padrão americano para intercâmbio de informações'.] Inform.

e) □MIDI

[**Abrev. do ingl.** Musical Instrument Digital Interface.] Inform.

f) escanear

[**Aport. do v. ingl. to scan**, 'examinar, correndo os olhos'; 'percorrer a superfície de'; v. -ear2.]

Quanto às siglas, em sua maioria, apresentam o determinante 'do inglês'. Assim, inferimos que para o dicionarista não está claro o que é um anglicismo, ou aportuguesamento do inglês, bem como a generalização 'do Inglês' encontrada na maioria das entradas.

b) Quanto à pronúncia

O *Aurélio XXI* não tem como critérios apresentar a transcrição fonética dos elementos por ele inseridos, assim, em raros casos, ele apresenta entre parênteses a forma com que tal unidade é pronunciada, como no caso de □ASCII (ásqui). Mas muitos outros casos, que possivelmente deixariam o consulente em dúvida, não trazem tal explanação, como por exemplo: → CASE / Keis/ , em que não sabemos como pronunciar tal lexema, se na forma

origem do inglês ou se a adaptamos ao sistema do português. Se tomarmos a seta por ele precedida, inferimos que pronunciamos como na língua de origem; mas, podemos questionar o caso das siglas, que em sua maioria as adaptamos ao nosso sistema, como em *bps*, no inglês /bi pi s/ e no português / be pe és/.

c) Informação gramatical

Outra questão que nos chamou atenção foi a forma como o dicionarista classifica gramaticalmente as unidades em relação ao gênero. Em sua maioria, as unidades são classificadas como substantivo masculino, mas na língua inglesa, a objetos, coisas, animais geralmente não se atribuem gênero, salvo algumas exceções. Assim, no exemplo abaixo temos:

Item lexical: → input

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

[Ingl.]S. m.

2. Inform. Entrada (16 a 18). [Cf. output.] 16. Inform. Transferência de uma informação externa para o processador central ou para um dispositivo intermediário de armazenamento. 17. Inform. P. ext. Qualquer informação externa fornecida a dispositivo para processamento. 18. Inform. Dispositivo, processo ou canal que intervém numa operação de transferência de dados.

Convém ressaltar que na tradução dada pelo dicionarista, foi atribuído o gênero feminino-**entrada**-levando-nos à conclusão de que a referida unidade já está incorporada ao sistema lingüístico do português, visto que em nosso sistema a colocação de um gênero é obrigatória. Assim, além do termo possuir um correspondente na língua portuguesa, a tradução não condiz com o gênero aplicado a ele.

Há casos de substantivos femininos também como em:

→ internet [Ingl.] **S. f.**

Mas em sua maioria, as unidades são registradas como substantivos masculinos.

Ressaltamos que, para as siglas, o dicionarista não as demarca no sentido a que classe gramatical pertencem, como em:

Item lexical: □CPU

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Sigla do ingl. Central Processing Unit.]

Inform. 1. V. unidade central de processamento.

Sub entrada de unidade: Inform. Unidade central de processamento 1.

Componente de um computador, que realiza todo o processamento aritmético e lógico, e o controle da execução destes.[Tb. chamado processador central. Sigla: UCP e (ingl.) CPU.]

Para o exemplo acima, se buscarmos na linguagem oral, percebemos a realização de tal lexia como **a** CPU ou mesmo **o** CPU. Mas em todas as unidades por nós coletadas e analisadas não há demarcação de gênero para as siglas.

Quanto aos verbos, todos são adaptados ao sistema da língua portuguesa inserindo-se na 1ª (primeira) conjugação, (o quem têm sido padrão) e em sua maioria, verbos transitivos diretos; caso esses como:

Item lexical: deletar

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

[Adapt. do ingl. (to) delete, 'destruir', 'eliminar'; 'apagar ou rasurar (texto)', < lat. deletus, part. pass. do v. lat. delere, 'apagar', 'riscar' (v. delir e -ar2).]

V. t. d. Inform. 1. V. apagar (9).

Item lexical: escanear

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

[Aport. do v. ingl. to scan, 'examinar, correndo os olhos'; 'percorrer a superfície de'; v. -ear2.] V. t. d. Inform. 1. Digitalizar1 (documento impresso, desenho, fotografia, código de barras, etc.) através de aparelho de leitura óptica (v. scanner).

[O termo escanear pode, eventualmente, abranger tb. o processamento da imagem digitalizada por um programa de interpretação ou decodificação, como no caso do reconhecimento de caracteres (q. v.) ou da leitura de código de barras (q. v.).]

Item lexical: encriptar

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

Do ingl. (to) encrypt.]

V. t. d. Inform. Telev. 1. Codificar (os sinais de um programa ou transmissão) para evitar utilização indevida deles.

Temos também o registro de advérbios como em:

→ on line (Ingl., de on (exprimindo idéia de posição em ,ou sobre; continuidade; funcionamento) + line, ‘linha’). **Adv.**

d)Quanto às abonações

Podemos afirmar que, muitas vezes, o lexema consultado pelo usuário da obra é falho na descrição do significado, como discutiremos com mais afinco na questão referente à descrição do verbete.

Uma possível solução para tal impasse seria clarificar o lexema com uma abonação. Segundo Biderman (1984:28: 135): “Abonação: Frase ou enunciado, extraído de um bom autor da língua, onde ocorre a palavra que está sendo definida e/ ou exemplificada no dicionário. Ilustra o uso da palavra no contexto”.

Em todas as unidades por nós coletadas durante nosso trabalho, não encontramos nenhuma abonação referente aos elementos da informática, ao refletirmos sobre isso, percebemos a necessidade de uma abonação para precisar

demonstrar, ou seja, confirmar a significação de uma entrada, especialmente em se tratando de unidades léxicas pertencentes a uma área específica, (novamente a necessidade de um *corpus*).

e) Quanto às definições

Para a definição dos verbetes do dicionário, os dicionaristas, em geral, utilizam a paráfrase, a sinonímia ou a antonímia, esta última mais como apoio definicional. Contudo, seria conveniente ressaltar que é raro identificar na língua sinônimos semanticamente perfeitos.

Além da sinonímia e antonímia, pode-se dizer que a paráfrase representa uma solução mais adequada para a obtenção de uma definição mais precisa e criteriosa. A afirmação de Biderman reforça essa escolha teórica: “*A melhor definição é aquela que define e ou descreve a palavra através de uma paráfrase...*” (BIDERMAN, 1984,p.28).

A sinonímia traz consigo um problema que se relaciona ao que chamamos de ‘círculo vicioso’ em que o consulente busca em uma entrada que o remete a consultar outra entrada, levando-o de volta à palavra inicial. Ou seja, a questão não fica resolvida. Nesse aspecto, a paráfrase elucida a dúvida do leitor remetendo-o pelo menos a uma noção de sua consulta. À primeira vista, a técnica dos antônimos se mostra uma solução eficiente. Porém, se o consulente não conhece o antônimo do lexema consultado, encontrar-se-a novamente no ponto de partida, ou melhor dizendo, desorientado com relação à consulta ao dicionário. Assim, é essencial afirmar que o uso da paráfrase é o mais adequado

para definir as entradas que constituem a macroestrutura de uma obra lexicográfica.

Em se tratando de um dicionário de língua geral, como o *Aurélio*, que se constitui também por unidades especializadas, ainda mais complexa é a questão. O que percebemos é que, em sua maioria, as definições apresentadas pelo dicionarista são também de caráter técnico, podendo assim fazer a inferência de que tais elementos tiveram suas definições elaboradas por especialistas da área. Assim, as definições não solucionam as dúvidas dos consulentes.

A título de exemplificação analisemos alguns casos:

→ default

[Ingl. (termo originalmente jurídico, 'na falta de', 'na ausência de'; 'em dívida', 'inadimplente'). S. m. Inform. 1. Valor (de uma variável, ou de um campo de entrada de dados) assumido automaticamente por programa (9), quando o usuário não o determina explicitamente.

[Tb. us. com função adjetiva (com sentido de 'implícito', 'padrão'), quando posposto a outro substantivo.

No caso acima, se o consulente não tem o domínio das lexias 'variável' ou 'campo de entrada de dados', a definição não é esclarecida, levando-nos a concluir mais uma vez que a definição desse vocábulo técnico recebe uma definição também de caráter técnico.

Observando mais um caso, veremos:

→ gateway

[Ingl., lit., 'portão'. S. m. Inform.

1. Em redes de computadores, dispositivo ou programa que permite a ligação entre redes que utilizam protocolos de comunicação diferentes, compatibilizando-os.

Novamente percebemos que se o consulente não for conhecedor da área da informática, de nada valeu tal paráfrase, pois lexias como ‘dispositivo’ e ou ‘protocolos de comunicação diferentes’ não são unidades utilizadas no dia-a-dia do falante da língua portuguesa, especialmente em se tratando do público escolar, que em sua maioria consulta o dicionário de língua geral.

Desta feita, comungamos a idéia de Haensch (1982, p.502-503) que defende a premissa de que a redação da significação do lexema deve pertencer à língua geral, possibilitando, assim, a decodificação pelo consulente. Tal autor recomenda ainda, que principalmente num dicionário escolar, é aconselhável evitar na descrição do lexema os termos técnicos por serem específicos demais, pois eles obrigam o consulente a consultas suplementares.

Concluimos assim o capítulo dedicado as análises buscando comprovar nossas hipóteses de pesquisa.

CAPÍTULO V-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como tema o estudo dos empréstimos lingüísticos e estrangeirismos da área da Informática inseridos no *Aurélio-XXI*. Analisamos quais foram os itens lexicais registrados e os classificamos e analisamos como o dicionário os registra, apontando, à luz da lexicologia e lexicografia, algumas falhas da obra em questão.

Iremos retomar, agora, algumas das considerações realizadas ao longo deste trabalho. Essas considerações serão feitas de uma maneira breve, a título de conclusão da pesquisa.

Ao longo do trabalho foram expostas teorias de autores que trabalham os conceitos de mudança lingüística, neologismos, empréstimos lingüísticos e estrangeirismos. Entre eles citamos Guilbert (1975), Biderman (2001), Alves(1984) e Carvalho(1989).

Nosso trabalho também apresentou uma discussão acerca da necessidade de atenção aos estudos lexicológicos e lexicográficos, bem como a falta de uma política dicionarística em nosso país.

Como estudamos termos da área da Informática, levantamos o questionamento das inserções de unidades de uma área de especialidade presentes em um dicionário de língua geral.

O nosso *corpus* foi composto por 123(cento e vinte e três) unidades lexicais retiradas do *Aurélio XXI*, versão eletrônica, todas pertencentes a rubrica da informática.

Diante do exposto, fizemos uma primeira análise que se constituiu pela classificação da fase neológica em que estas unidades lexicais se encontram, dividindo-as em empréstimos por adaptação, decalque e incorporação; fraseologias e estrangeirismos.

O foco principal de nosso trabalho foi analisar como as unidades lexicais oriundas da língua inglesa da área da informática estão inseridas e organizadas no dicionário. Assim, partimos para uma análise da macro e da microestrutura da obra e fizemos nossos apontamentos.

Concluimos, portanto, que foram pertinentes as colocações em relação à inserção de unidades lexicais oriundas da língua inglesa, radiografando um momento histórico-social característico da globalização por nós vivenciada, refletido na língua e no bojo desta discussão. Salientamos, também, a necessidade de nosso país preocupar-se com a língua enquanto patrimônio e refletir acerca dessas mudanças.

Pode se dizer que em se tratando de um trabalho de pesquisa à luz da lexicografia, foi também pertinente as considerações, críticas e sugestões apontadas em relação à elaboração de uma obra lexicográfica e puderam-se confirmar as reflexões na formulação da hipótese, como a falta de critérios para a inserção de unidades lexicais no dicionário. Verificamos que os neologismos, inseridos no *Aurélio XXI*, não estão bem organizados no que concerne à delimitação de qual estágio neológico as unidades lexicais se encontram, não delimitando critérios para a inserção de vocábulos, que ora se apresentam como unidades já aportuguesadas, ora como estrangeirismos.

Constatamos que há uma falta de critérios relacionados à inserção de unidades pertencentes a uma língua de especialidade em um dicionário de língua geral, visto que outras unidades freqüentes não foram inseridas. E, por fim, devemos ressaltar a importância desse estudo no que concerne à necessidade de rever a produção lexicográfica no Brasil, pois esta não conta com critérios estabelecidos como também não temos uma política do idioma que mereça atenção dos estudiosos e das autoridades.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, G.M.B. *Neologismos na Informática: Natureza e Deriva de um Vocabulário*. Dissertação de mestrado. Araraquara, 1995.218p.

ALVES, I. M. *Neologismo: Criação Lexical*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

____. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. **Alfa** São Paulo:UNESP, v.28 p.119-26,1984.

____. *O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística*. In: **Alfa**, São Paulo:Global, 1994.

____. *Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações*. *Ciência da Informação*.MCT/CNPq/IBICT, Brasília (24), n.3, 1995, p. 319-321.

____. *O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística*. **Alfa** (São Paulo), v. 40, p.11-16, 1996.

_____. *Da neologia à neologia na literatura*. In OLIVEIRA, Ana M^a Pinto; ISQUIERDO, Ap^a Negri (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 33-51.

ASSIRATI, E.T. *Neologismos por empréstimo na informática*. Alfa São Paulo v.42(n.esp.), 1998.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. D Francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1979..323p.

_____. *Da neologia a neologia na literatura*. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p.23-29.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BIDERMAN, M. T. *Teoria Lingüística: teoria lexical e lingüística computacional*. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

____. O dicionário como norma na sociedade. In: *Anais do 1º Encontro do GT de Lexicologia, lexicografia e terminologia*. Recife: Editora Universitária UFPE. 1998. Vol.1. p.161-180.

____. *Teoria Lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.p.179.

____. A ciência da lexicografia. In: **Alfa**, São Paulo, v.28, 2000.p.1-26.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Londres: Allen A Unwin, 1961.

____. Léxico e Vocabulário fundamental. In **Alfa**, São Paulo: Edunesp, 40, 1984. p.27-46.

BOULANGER, J.C. *Néologie et terminologie*. Néologie em Marche, v.4, p.5-128, 1979.

CÂMARA Jr. J.M. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964. 33p.

____. *Princípios de lingüística geral*. 4a. ed. Rio de Janeiro, 1989.: 7a. ed. 1969. p.192.

CANO, W.M. *Os dicionários de língua, a norma cultural e os terminologismos*. In: **Anais do 1º Encontro do GT de Lexicologia, lexicografia e terminologia. Questões conexas**. Recife: UFPE. 1998. p.205-215.

CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática, 1984. 84p.

_____. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Rio de Janeiro: Presença. São Paulo: Edusp, 1975.

_____. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença. São Paulo: Edusp, 1979.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. São Paulo. Cultrix, 1973.

FAULSTICH, E. A função social da terminologia. *I seminário de Filologia e língua Portuguesa/ organizado por Ângela C. de S. Rodrigues, Ieda M. Alves, Norma S. Goldstein*. São Paulo, Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.

FERREIRA, A.B.H. *Novo Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 2128p.

GUERARD, F.; PÉCHOIN, D. e REY, A. *Autour de la lexicographie. Le Français dans de l'ê Monde. Recherches et applications*. Lexiques. (numéro spécial) 1989.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.

HAENSCH, G. Et al. *La lexicografía- de la lingüística teorica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.p.502-03.

HAUGEN, E. *The analysis of linguistic borrowing*. Language, vol.26, n.2, Abril/Junho 1950, pp. 210-231.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.05a. Novembro, 2002. Editora Objetiva Ltda.

LAMBERTI, F.C.C. *Empréstimos Lingüísticos no Português do Brasil: Uma interpretação variacionista*. Dissertação de Mestrado. Brasília. 1999.

LYONS, John. *Lingua(gem) e lingüística-uma introdução*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1982.

MARTINET, André. *Elementos de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1975.

MATORÉ, Georges. *La méthode em lexicologie*. Paris: Marcel Didier, 1953.

MÜLLER, W. Conceito de estrangeirismo e dicionário de estrangeirismos. *In: Problema de Lexicologia e Lexicografia*. Porto: Livraria Civilização, 1979, pp. 210-224.

POSSENTI, Sírio. A questão dos Estrangeirismos. *In: Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.191p.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma lingüística Crítica*. Linguagem, Identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003. 143p.

REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et semiotique dês dictionnaires français contemporains*. Paris: Moutoun, 1971.329p.

RODRIGUES, Marilia Cândida. *O neologismo ad hoc em textos opinativos do Jornal Folha de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia. 2004.

SANDMANN, Antonio J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995. 279p.

Vocabulário ortográfico da língua portuguesa/ Academia Brasileira de Letras. 2.ed. Rio de Janeiro: A Academia, 1998. 795p.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton, 1974. 148p.

WERNER, R et al. *La lexicografia*. Madrid. Espanha. Editorial Gredos, 1982.

ANEXOS

FICHAS ANÁLITICAS

1.Item lexical: **acessar**

Classe gramatical/ gênero: verbo transitivo direto

Definição: [De acesso + -ar²; adapt. do ingl. (to) access.]

1. Estabelecer comunicação com (computador, ou dispositivo a ele ligado), para fazer uso de seus recursos, ou dos serviços por ele oferecidos.
2. P. ext. Obter ou utilizar dessa maneira (dados, arquivos, programas, serviços, etc., armazenados ou processados em computador)

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

2.Item lexical: → **alias**

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição: [Ingl. < lat.]

Inform.

1. V. atalho (5).
5. Inform. Referência adicional a um objeto de interface, destinada a facilitar o acesso a este.
6. Inform. Conjunto de teclas que, us. combinadamente, permitem executar com mais rapidez ou simplicidade certas operações, sem que seja necessário recorrer a menus ou ao mouse; tecla de atalho

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque

3.Item lexical: → **array**

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: Inform.

1. Estrutura de dados, matricial e retangular, com elementos uniformes, e que pode assumir uma ou mais dimensões; vetor.
4. Inform. Array (q. v.), esp. aquele unidimensional, i. e., organizado como uma linha ou coluna de dados.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque

4.Item lexical: arroba

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino

Definição : 3. Inform. Nome do sinal gráfico @, originalmente símb. da arroba (1 e 2), empregado, entre diversos outros usos, em endereçamento eletrônico, como separador entre a identificação do usuário e a designação da rede a que pertence sua conta. [Tal uso deriva do ingl., em que o sinal representa a prep. at, 'em'] .

Processo de formação neológica: Empréstimo por Adaptação

5.Item lexical: □ASCII

Classe gramatical/ gênero: Não informa a classe, mas apresenta ressalva*

Definição : (ásqui). [Acrôn. do ingl. American standard code for information interchange, 'código padrão americano para intercâmbio de informações'.] Inform.

1. Sigla que designa um esquema padronizado de representação de caracteres por meio de bytes, amplamente adotado em minicomputadores e microcomputadores. [O ASCII básico, introduzido em 1963, utilizava 7 bits para representar 128 caracteres; o ASCII estendido usa 8 bits e abrange um conjunto de 256 caracteres, entre os quais letras, números e sinais de pontuação.]

*[Tb. us. com valor adjetivo, quando antecedido de outro substantivo:]

Processo de formação neológica: Empréstimo por Incorporação

6.Item lexical: → assembler

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl.]

S. m. Inform.

1. V. montador (2).
2. Linguagem de programação de baixo nível, na qual cada instrução de máquina é escrita sob a forma de um mnemônico; linguagem assembly

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque

7.Item lexical:→ backbone

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl., lit. 'espinha dorsal'.]

S. m. Inform.

1. Rede de computadores capaz de transmitir e processar dados em alta velocidade, responsável por garantir o tráfego de informações entre redes menores a ela ligadas.
2. A parte de uma rede de computadores, ou sua estrutura física, que suporta o maior tráfego de informações.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

8.Item lexical:→ backup

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl., 'substituto, reserva'.]

Inform.

1. Procedimento, método ou unidade empregados em caso de falha do procedimento, do método ou da unidade do computador original ou principal.
2. Cópia de um arquivo, que é guardada como reserva para o caso de destruição ou inutilização do arquivo original; cópia de segurança.

[Tb. usado adjetivamente, após um substantivo, e ligado ou não a este pela preposição de.]

[F. aport.: becape.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação*

* Está entrada se configura como estrangeirismo

9.Item lexical: → basic

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl., acrôn. de beginner's all-purpose symbolic instruction code.]

S. m. Inform.

1. Linguagem de programação de alto nível, criada na década de 1960, e de fácil aprendizado para o iniciante.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

10.Item lexical: → batch

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl.]

S. m. Inform.

1. Conjunto de registros, documentos e programas que, para efeito de processamento no computador, se considera como uma só unidade.

2. Lote de programas e arquivos a serem processados de forma sequencial em computador.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

11.Item lexical: bate papo

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [[De bater + papo.]

S. m. Bras. Fam.

1. Conversação amigável, simples e despretensiosa; cavaco, cavaqueira, papo e (lus.) laracha.

[Pl.: bate-papos.]

Bate-papo on-line.

1. Inform. V. chat.

Bate-papo virtual.

1. Inform. V. chat

Processo de formação neológica: Empréstimo / Decalque

12.Item lexical: BBS

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição : [Ingl.,acrôn. de Bulletin Board System.]

Inform. 1. Serviço oferecido a grupos de usuários de computadores, que permite a troca de mensagens e dados através de computador(es) que centraliza(m) informações e que é (são) acessado(s) por linha telefônica.

Processo de formação neológica: Empréstimo por Incorporação

13.Item lexical: becape

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Aport. do ingl. backup.]

S. m. Inform. 1. V. backup.

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação

14.Item lexical: → bit

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl., comb. das iniciais de bi(nary) (digi)t, 'dígito binário'.]

S. m. Inform.

1. Unidade mínima de informação em um sistema digital, que pode assumir apenas um de dois valores (ger. 0 ou 1).

Bit de paridade. Inform.

1. Numa seqüência de bits, aquele que é adicionado ao final e que deve forçar um número par de bits com valor 1, a fim de verificar a existência de erros na transmissão de dados.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação, sendo que a subentrada bit de paridade é uma fraseologia, assim, por adaptação.

15.Item lexical: → bookmark

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição [Ingl.]

S. m. Inform.

1. Referência a um documento em sistema hipermídia (p. ex., a Web), compilada por um usuário com a intenção de facilitar posterior retorno a ele.

[Uma lista de bookmarks constitui, ela mesma, um documento hipermídia, em que cada elemento é tb. um elo (4) para o documento por ele referido.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

16.Item lexical: → boot

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl., abrev. de bootstrap, lit., 'correia de bota', us. na expr. by one's own bootstraps, 'por seus próprios meios'.]

S. m. Inform.

1. V. iniciação (8).

Dar boot.

1. Inform. V. iniciar (3).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque, sendo que a subentrada é fraseologia.

17.Item lexical: □bps

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: Inform.

1. Sigla de bit por segundo, que é uma unidade de velocidade de fluxo de informação digital, tipicamente utilizada na transmissão remota de dados.

[Cf. baud.]

[Do antr. (Jean Maurice Emile) Baudot (1845-1903), engenheiro francês que inventou um sistema de impressão por telegrafia.]

S. m. Inform.

1. Unidade de velocidade de fluxo de informações digitais codificadas, tipicamente utilizada na transmissão remota de dados, equivalente ao fluxo de um elemento codificado por segundo. [A velocidade medida em bauds nem sempre coincide com a medida em bits por segundo (v. bps), pois é possível codificar mais de um bit em cada elemento transmitido.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação

18.Item lexical: → browser

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição [Ingl.]

S. m. Inform.

1. Navegador (5).

5. Inform. Aplicativo, ou parte de aplicativo, capaz de apresentar o conteúdo de um sistema de hipertexto ou de hipermídia e permitir a navegação neste; browser, leitor de hipertexto.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/Decalque.

19.Item lexical: → buffer

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.] S. m. 1. Inform. Dispositivo de armazenamento de caráter transitório, utilizado durante uma operação de transferência ou transmissão de dados entre unidades de armazenamento ou de processamento que operam com tempo de acesso, velocidades ou formatos distintos.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

20.Item lexical: → bug

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.]

S. m. Inform.

1. Erro de programação.
2. Defeito de execução de um programa (ger. causado por inconsistência no seu código ou por incompatibilidade com outros programas, que estejam simultaneamente em execução).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

21.Item lexical: → byte

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Do ingl. b(inar)y te(rm), 'termo binário'.]

S. m. Inform.

1. Seqüência constituída de um número fixo de bits adjacentes, considerada como a unidade básica de informação, e cujo comprimento geralmente é constituído de 8 bits; octeto.
2. Unidade de quantidade de informações, equivalente a 8 bits, us. (ger. na forma de seus múltiplos, kilobyte, megabyte e gigabyte) na especificação da capacidade de memória de computadores, tamanho de arquivos, etc.

[Abrev.: B.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

22.Item lexical: → cache

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., f. red. de cache memory, do ingl. cache, 'depósito secreto' (fr. cacher, 'esconder') + ingl. memory, 'memória'.]

S. m. Inform.

1. Dispositivo de memória (15), de capacidade reduzida e alta velocidade, que funciona associado a um dispositivo de armazenamento de grande capacidade, porém mais lento, mantendo cópia temporária de dados acessados

com mais frequência ou mais recentemente, com o objetivo de agilizar o processamento de tais dados.

[Cf. cachê e cachês.]* As definições dessas remissivas não se referem à área da informática.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

23.Item lexical: □CAD

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Sigla do ingl. Computer-Aided Design/Computer-Aided Manufacturing, 'projeto auxiliado por computador, fabricação auxiliada por computador'.]

Inform.

1. Conjunto de técnicas, programas e equipamentos especializados, us. para a realização computadorizada de projetos de arquitetura ou de engenharia.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

24.Item lexical: □CAD/CAM

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Sigla do ingl. Computer-Aided Design/Computer-Aided Manufacturing, 'projeto auxiliado por computador, fabricação auxiliada por computador'.]

Inform.

1. Conjunto de técnicas, programas e equipamentos us. na realização computadorizada de projetos e controle da produção industrial.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

25.Item lexical: → CASE

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: Inform. 1. Sigla do ingl. Computer-Aided Software Engineering, 'engenharia de software auxiliada por computador', que designa um conjunto de

metodologias, programas e ferramentas que auxiliam o desenvolvimento de sistemas de informação.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

26.Item lexical: □CD-ROM

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: Inform.

1. Sigla do ingl. compact disc read-only memory, que designa um tipo de CD (q. v.) gravado por processo industrial e não regravável, capaz de armazenar cerca de 650 megabytes de programas e dados (inclusive imagens, sons, vídeos) para computador.

[Tb se diz apenas CD.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

27.Item lexical: → chat

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição [Ingl., 'conversa informal'.]Inform.

1. Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/Decalque.

28.Item lexical: → clipboard

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl., 'prancheta para escrever, dotada de prendedor de papéis', de clip, 'prendedor' + board, 'prancha'.]

S. m. Inform. 1. V. área de transferência.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/Decalque.

29.Item lexical: → cluster

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.]

S. m. Inform.

1. V. grupamento (2).
2. Inform. Unidade mínima, medida em bytes, de espaço de armazenamento em disco magnético, conforme estabelecida pelo sistema operacional durante a formatação do disco; grânulo.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque.

30.Item lexical: □cobol

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Sigl. do ingl. co(mmon) b(usiness) o(riented) l(anguage), 'linguagem usual voltada para negócios'.]

S. m. Inform.

1. Linguagem de programação da década de 1950, amplamente us. por instituições comerciais e financeiras, idealizada para manter similaridade com a linguagem humana.

[Pl.: cobóis.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

31.Item lexical: conectar

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

Definição: 3. Inform. Estabelecer conexão (6) entre (um computador ou dispositivo) e outro(s).

V. p. 4. Inform. Ter acesso a, ou contato com (alguém, determinadas informações, serviços, etc.) através de dispositivos computacionais postos em comunicação entre si.

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

32.Item lexical: console

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição console2

[Do ingl. console < fr. console.]

S. m. Inform.

1. Terminal privilegiado us. para acesso direto do operador ao computador, e que permite intervir em diversos processos em execução. 2. Em computadores com ambiente de janelas, aquela com privilégios que permitem ao usuário o controle dos processos em execução. 3. Conjunto formado pelo teclado (3) e o monitor (4), e que constitui o dispositivo padrão de entrada e saída de dados em um sistema computacional.

4. Ferramenta (3) para gerência, configuração e controle de servidores (p. ex., de rede local, banco de dados, etc.).

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

33.Item lexical: □CPU

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Sigla do ingl. Central Processing Unit.]

Inform. 1. V. unidade central de processamento.

Sub entrada de unidade: Inform. Unidade central de processamento 1.

Componente de um computador, que realiza todo o processamento aritmético e lógico, e o controle da execução destes.[Tb. chamado processador central. Sigla: UCP e (ingl.) CPU.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação e adaptação.

34.Item lexical: cursor do mouse- Sub entrada de cursor

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: Inform. 1. Ícone, ger. uma seta, que se desloca na tela acompanhando movimentos do mouse, e que indica onde a ação deste terá efeito, caso seja clicado.

Processo de formação neológica: Fraseologia.

35.Item lexical: → default

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl. (termo originalmente jurídico, 'na falta de', 'na ausência de'; 'em dívida', 'inadimplente'). S. m. Inform. 1. Valor (de uma variável, ou de um campo de entrada de dados) assumido automaticamente por programa (9), quando o usuário não o determina explicitamente.

[Tb. us. com função adjetiva (com sentido de 'implícito', 'padrão'), quando posposto a outro substantivo.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

36.Item lexical: deletar

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

Definição: [Adapt. do ingl. (to) delete, 'destruir', 'eliminar'; 'apagar ou rasurar (texto)', < lat. deletus, part. pass. do v. lat. delere, 'apagar', 'riscar' (v. delir e -ar2).]

V. t. d. Inform. 1. V. apagar (9).

[Em port., o termo é tido como malformado; o verbo correspondente ao ingl. (to) delete é o v. delir (q. v.), que não é empregado neste sentido.]

9. Inform. Eliminar ou suprimir (informação, texto, arquivo, etc.), ger. por meio de tecla ou comando específico; deletar (q. v.), excluir.

Processo de formação neológica: Empréstimo/ Decalque.

37.Item lexical: → desktop

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., lit., 'tampo de mesa de trabalho'.]

S. m. Inform. 1. Microcomputador de mesa, não portátil. 2. Interface gráfica (q. v.) básica de alguns sistemas operacionais, baseada numa analogia entre o ambiente apresentado na tela do computador e o espaço, objetos e procedimentos típicos numa mesa de trabalho.

Desktop publishing. Inform. 1.V. editoração eletrônica.

Sub entrada de editoração. Editoração eletrônica. Inform.

1. Conjunto de atividades ou processos de editoração (esp. a montagem gráfica, e podendo incluir, eventualmente, a impressão final da publicação) realizados exclusivamente por meio de programas e equipamentos computacionais

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/Decalque e Fraseologia.

38.Item lexical: disco de boot -sub entrada de disco.

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição: Disco de boot. Inform.

1. Disco de inicialização. Disco de inicialização. Inform.

1. Disquete que contém o sistema operacional; disco de boot.

Processo de formação neológica: Fraseologia/Decalque.

39.Item lexical: disquete.

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : (ê). [Do ingl. diskette.]

S. m. Inform. 1. Disco de material plástico flexível, revestido com material magnético e acondicionado em capa plástica quadrada, e us. para armazenamento de dados e programas de computador; disco flexível.[Removível, torna fácil o transporte de dados e programas de um computador para outros computadores compatíveis.] [Cf. disquete (ê).]

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

40.Item lexical: □DOS

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Sigla do ingl. D(isk) O(perating) S(ystem), 'Sistema Operacional de Disco'.]

Inform. 1. Nome genérico de alguns sistemas operacionais (v. sistema operacional), em que se enfatiza a inclusão (atualmente, trivial) de recursos para o gerenciamento de arquivos em disco. 2. Restr. Sistema operacional (q. v.)

tradicional da maior família de microcomputadores, a dos PCs (v. PC), atualmente obsoleto devido, esp., à sua interface de linha de comando (q. v.) e à reduzida capacidade de executar mais de uma tarefa (3) simultaneamente.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

41.Item lexical: → download

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl., de down(line), 'linha abaixo (i. e., seguindo o fluxo de informações)', + load, 'carga', 'ato de carregar'.] S. m.

1. Numa rede de computadores, obtenção de cópia, em máquina local, de um arquivo originado em máquina remota.

[Cf. upload.]

Fazer (um) download.

1. V. baixar (4).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Fraseologia/ Decalque

42.Item lexical: → drive

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.]S. m. Inform. 1. Acionador (q. v.). 3. Inform. Em um computador, unidade periférica eletromecânica, que põe em movimento um dispositivo de memória secundária (como disco ou fita), para nele armazenar ou ler informações.

[Corresp. em ingl.: drive.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/Decalque.

43.Item lexical: → driver

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.]S. m. Inform.

1. Programa associado ao sistema operacional, ou a um aplicativo em particular, e que permite o uso de diferentes dispositivos, como impressoras, unidades de disco, scanners, etc.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

44.Item lexical: □DTP

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Sigla do ingl. d (esk) t (op) p (ublishing).]

Inform. 1. V. editoração eletrônica. Editoração eletrônica. Inform.

1. Conjunto de atividades ou processos de editoração (esp. a montagem gráfica, e podendo incluir, eventualmente, a impressão final da publicação) realizados exclusivamente por meio de programas e equipamentos computacionais

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

45.Item lexical: elo – Empréstimo indireto¹¹

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: 4. Inform. Em hipertextos ou sistemas de hipermídia, remissão de um documento (ou ponto de um documento) a outro, que permite fácil acesso a eles e deslocamento entre eles (p. ex., por meio de cliques de mouse sobre termos grifados e ícones).[Corresponde aos voc. ingl. hyperlink e (f. red.) link.] [Cf. elo (ê) e o top. Helo.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque.

46.Item lexical: encriptar

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

Definição: [Do ingl. (to) encrypt.]

V. t. d. Inform. Telev. 1. Codificar (os sinais de um programa ou transmissão) para evitar utilização indevida deles.

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

47.Item lexical: enter

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

¹¹ elo tem origem no latim, mas chegou até o Brasil com este significado pelo inglês.

Definição: [Ingl: 'entrar', 'registrar, inscrever'. S. m. Inform.

1. Comando (e tecla correspondente) us. para fazer o computador registrar ou processar informações externas a ele fornecidas.

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação e incorporação.

48.Item lexical: □EPROM

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Acrôn. do ingl. erasable programmable read-only-memory, 'memória apagável e programável exclusivamente para leitura'. Inform.

1. Sigla que designa um tipo de dispositivo de memória (ger. um chip) capaz de receber programação por meio de procedimentos especiais (ger. com emprego de raios infravermelhos), cujo conteúdo, em situações normais de uso, pode apenas ser lido. [É us., ger., para armazenar programas de aparelhos digitais, de inicialização de computador, etc.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

49.Item lexical: escanear

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

Definição: [Aport. do v. ingl. to scan, 'examinar, correndo os olhos'; 'percorrer a superfície de'; v. -ear2.]V. t. d. Inform. 1. Digitalizar1 (documento impresso, desenho, fotografia, código de barras, etc.) através de aparelho de leitura óptica (v. scanner).

[O termo escanear pode, eventualmente, abranger tb. o processamento da imagem digitalizada por um programa de interpretação ou decodificação, como no caso do reconhecimento de caracteres (q. v.) ou da leitura de código de barras (q. v.).]

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação

50.Item lexical: → exabyte

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.]S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 260 bytes [símb.: EB] .

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

51.Item lexical: → fax-modem

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.]S. m. Inform.

1. Dispositivo de comunicação para computadores, que reúne tanto as funções de um modem convencional quanto as de envio e recepção de fax [v. fax (2)] .

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

52.Item lexical: □FORTRAN

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Acrôn. do ingl. for(mula) tran(slation), 'tradução de fórmula'.]

Inform. 1. Sigla que designa uma linguagem de programação de alto nível, desenvolvida na década de 1950, voltada para o uso científico.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

53.Item lexical: → gateway

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., lit., 'portão'. S. m. Inform.

1. Em redes de computadores, dispositivo ou programa que permite a ligação entre redes que utilizam protocolos de comunicação diferentes, compatibilizando-os.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

54.Item lexical: □GB

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição 2. Inform. Símb. de gigabyte.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

55.Item lexical: gigabyte

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [De giga- + byte.]

S. m. Inform. 1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2³⁰ (i. e., 1.073.741.824) bytes [símb.: GB] .

[Us., por vezes, como equivalente a um bilhão de bytes.]

Processo de formação neológica: Empréstimo.

56.Item lexical: → hacker

Classe gramatical/ gênero: Substantivo dois gêneros.

Definição: [Ingl., substantivo de agente do v. to hack, 'dar golpes cortantes (para abrir caminho)', anteriormente aplicado a programadores que trabalhavam por tentativa e erro.]

S. 2 g. Inform. 1. Indivíduo hábil em enganar os mecanismos de segurança de sistemas de computação e conseguir acesso não autorizado aos recursos destes, ger. a partir de uma conexão remota em uma rede de computadores; violador de um sistema de computação.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

57.Item lexical: → hardware

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., lit., 'conjunto de peças (ger., metálicas); ferragens, maquinaria, aparelhagem'.] S. m. Inform.

1. Componente, ou conjunto de componentes físicos de um computador ou de seus periféricos [Cf. software.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

58.Item lexical: □HD

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Acrôn. do ingl. h(ard) d(isk).]

Inform. 1. V. disco rígido. Disco rígido. Inform. 1. Disco magnético (q. v.), não removível e interno ao computador, com grande capacidade de armazenamento e alta velocidade de acesso, e no qual se armazenam, ger., programas e arquivos de trabalho; disco fixo, winchester.[Tb. se usam as siglas (do ingl.) HD e HDD.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo por incorporação e decalque.

59.Item lexical: □HDD

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Acrôn. do ingl. h(ard) d(isk) d(rive), 'acionador de disco rígido'.]

Inform. 1. V. disco rígido.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação e decalque.

60.Item lexical: → help

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl. S. m. Inform.

1. V. ajuda (7).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque

61.Item lexical: hipermídia

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino

Definição: [De hiper- (< hipertexto) + mídia; ingl. hypermedia.]S. f. Inform. 1.

Conjunto de informações apresentadas na forma de textos, gráficos, sons, vídeos e outros tipos de dados, e organizadas segundo o modelo associativo e de remissões, próprio do hipertexto.

[Cf. multimídia.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

62.Item lexical: → homepage

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino

Definição: [Ingl., lit., 'página original' ou 'página de base'.]S. f. Inform.

1. Página de entrada em um site da Web, ou de outro sistema de hipertexto ou de hipermídia, que ger. contém uma apresentação geral e um índice, com elos de hipertexto que remetem às principais seções de conteúdo do site, visando facilitar a navegação pelo sistema; página inicial, página default.

[Usa-se, impr., como designação de qualquer página da Web, ou mesmo, por sinédoque, de todo um site.]

[A forma mais correta, e mais us., em ingl. é home page.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

63.Item lexical: □HTML

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição: [Acrôn. do ingl. hypertext markup language, 'linguagem de marcação de hipertexto'.] Inform. 1. Sigla que designa uma linguagem padrão para a escrita e formatação de documentos em hipertexto, us. na web da Internet.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

64.Item lexical: → hyperlink

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.; de hyper(text), 'hipertexto', + link, 'elo, vínculo'.]

S. m. Inform. 1. Elo (4) de hipertexto.

[F. red.: link.] Inform. Em hipertextos ou sistemas de hipermídia, remissão de um documento (ou ponto de um documento) a outro, que permite fácil acesso a eles e deslocamento entre eles (p. ex., por meio de cliques de mouse sobre termos grifados e ícones).[Corresponde aos voc. ingl. hyperlink e (f. red.) link.]

[Cf. elo (ê) e o top. Helo.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque

65.Item lexical: inicialização

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino

Definição: [De inicializar + -ção; ingl. initialization.]

S. f. Angl. Inform. 1. V. iniciação (8 a 10).

8. Inform. Processo pelo qual um computador ou periférico é preparado para uso, e que compreende rotinas automáticas de teste dos seus componentes, carga do sistema operacional e, por vezes, a identificação do usuário e a restauração dos parâmetros de sua configuração personalizada. [Corresponde ao ingl. boot.]

9. Inform. Ato ou efeito de iniciar (4).

10. Inform. Atribuição de um valor inicial a uma variável de programa.

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque

66.Item lexical: inicializar

Classe gramatical/ gênero: Verbo transitivo direto

Definição: [De inicial + -izar; ingl. (to) initialize.]

V. t. d. Angl. Inform. 1. V. iniciar (3 a 5).

3. Inform. Preparar (computador ou periférico) para uso, executando uma seqüência mais ou menos padronizada de operações (como: ligá-lo, aguardar as rotinas de auto-teste, a carga do sistema operacional e a configuração do ambiente do usuário), até o momento em que o equipamento passa a estar disponível a entradas do usuário; inicializar, dar boot. [Cf. reiniciar.] 4.

Inform. Carregar ou abrir (programa).

5. Inform. Atribuir valor inicial e default a (variável de programa).

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque

67.Item lexical: → input

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.]S. m.

2. Inform. Entrada (16 a 18). [Cf. output.] 16. Inform. Transferência de uma informação externa para o processador central ou para um dispositivo intermediário de armazenamento. 17. Inform. P. ext. Qualquer informação externa fornecida a dispositivo para processamento. 18. Inform. Dispositivo, processo ou canal que intervém numa operação de transferência de dados.

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque.

68.Item lexical: interface

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino

Definição: [De inter- + face; ingl. interface.] S. f.

6. Inform. Interconexão entre dois equipamentos que possuem diferentes funções e que não se poderiam conectar diretamente, como, p. ex., o modem (q. v.).

Interface com o usuário. Inform.

1. Em um sistema computacional, conjunto de elementos de hardware e software destinados a possibilitar a interação com o usuário. [Cf. interface gráfica, linha de comando e menu.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque e fraseologia.

69.Item lexical: → internet

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino

Definição: [Ingl.]

S. f. Inform. 1. Qualquer conjunto de redes de computadores ligadas entre si por roteadores e gateways, como, p. ex., aquela de âmbito mundial, descentralizada e de acesso público, cujos principais serviços oferecidos são o correio eletrônico (q. v.), o chat (q. v.) e a Web (q. v.), e que é constituída por um conjunto de redes de computadores interconectadas por roteadores que utilizam o protocolo de transmissão TCP/IP.

[F. red.: net. Tb. se diz rede.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo / Decalque

70.Item lexical: → job

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., 'tarefa', 'serviço', 'ocupação', 'emprego'.]

S. m. Inform. 1. Conjunto de operações [freqüentemente, de impressão (9)] que devem ser executadas em conjunto.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

71.Item lexical: → joystick

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [[Ingl.] S. m. Inform.

1. Dispositivo de entrada, ger. us. para jogos de computador, que permite ao usuário indicar direções e intensidades por meio de uma alavanca e selecionar ações por meio de botões.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

72.Item lexical: □KB

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: Inform.

1. Símb. de kilobyte.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação

73.Item lexical: → kilobit

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.] S. m. Inform. 1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2¹⁰ (i. e., 1.024) bits [símb.: kb] . [Por vezes, us. como equivalente a um mil bits.].

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

74.Item lexical: → kilobyte

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [[Ingl.]S. m. Inform. 1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2¹⁰ (i. e., 1.024) bytes [símb.: kB] .

[Por vezes, us. como equivalente a um mil bytes.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

75.Item lexical: →laptop

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl., lit., 'sobre o colo', por analogia com desktop (q. v.).]

S. m. Inform. 1. Microcomputador portátil, dotado de bateria e com monitor plano e teclado acoplados a um gabinete compacto, próprio para uso em situações de locomoção, como durante viagens.

[Cf. desktop e notebook.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

76.Item lexical: linguagem assembly- Sub entrada de linguagem

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição Inform.

1. Linguagem de programação de baixo nível (q. v.), específica para cada hardware, e na qual toda instrução simbólica [v. mnemônico (5)] corresponde a uma operação de máquina.[Tb. us. o voc. ingl. assembly.]

Processo de formação neológica: Fraseologia

77.Item lexical: → link

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.]S. m. Inform.

1. F. red. de hyperlink.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

78.Item lexical: → LISP

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição [Acrôn. de list processing, 'processamento de lista'.]

Inform. 1. Designação de uma linguagem de programação desenvolvida em 1960, destinada à manipulação de dados não numéricos, baseada no processamento de listas (de dados, de instruções) e que se tornou uma linguagem padrão para pesquisas em inteligência artificial.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

79.Item lexical: → lock

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição [Ingl.] S. m. Inform.

1. V. bloqueio. *

* Não há esta remissiva como da informática na entrada bloqueio.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque

80.Item lexical: → log

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição [Ingl.] Inform. 1. Arquivo de registro automático de operações efetuadas num computador, ou que armazena todas as entradas ou saídas de uma sessão de uso (p. ex., guarda todas as mensagens que aparecem na tela durante uma sessão de bate-papo virtual).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

81.Item lexical: → login

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.] S. m. Inform. 1. Operação ou processo inicial de uma sessão de conexão (6), em que ger. o usuário se identifica, p. ex., fornecendo nome e

senha para autenticação pelo sistema computacional.[Opõe-se a (ingl.) logoff.]

O nome que identifica um usuário em um sistema de computadores.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

82.Item lexical: → logoff

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.]S. m. Inform.

1. Operação ou processo de encerramento de sessão de conexão (6).[Opõe-se a (ingl.) login.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo

83.Item lexical: → loop

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl., 'laço', 'laçada'.]S. m. Inform.

1. Trecho de programa (9) executado repetidamente um número definido de vezes, ou até que uma condição seja satisfeita. 2. A execução repetida dessas instruções; iteração.

Loop infinito*. Inform.

1. Aquele em que não está definida condição para a sua interrupção, sendo executado indefinidamente.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo e Fraseologia*.

84.Item lexical: → mainframe

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl., de main, 'principal', + frame(work), 'moldura, estrutura'; termo originalmente aplicado, nas décadas de 1960 e 1970, ao conjunto do processador central e memória principal dos computadores.]S. m. Inform.

1. Computador de grande porte, ger. compartilhado por diversos usuários por meio de terminais e periféricos.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

85.Item lexical: → master

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino e Adjetivo.

Definição [Ingl.] S. m. 1. Cin. Inform. Son. Telev. Cópia de filme, gravação sonora, vídeo, arquivo digital, etc., utilizado como base para reprodução, com vista à distribuição, ou para produção/edição de novo master. [Corresponde, em port., a matriz (menos us.). V. remasterização e pré-masterização.]

2. Inform. Son. O arquivo digital resultante da etapa de pré-masterização, ou de remasterização, na produção de CD, videolaser, DVD, etc.

3. Inform. Son. A matriz resultante da etapa de masterização e que é o molde us. para copiagem das unidades de CD, DVD, videolaser, etc.

Adj. 2 g. e 2 n.

4. Inform. Son. Diz-se de suporte, arquivo, ou gravação us. como master: 2

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

86.Item lexical: → Mb

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição Símb. de megabyte (q. v.).

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação

87.Item lexical: → megabit

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição [Ingl.] S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 220 (i. e., 1.048.576) bits [símb.: Mb] .

[Por vezes, us. como equivalente a 1 milhão de bits.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

88.Item lexical: → megabyte

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl.]S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 2²⁰ (i. e., 1.048.576) bytes [símb.: MB.]

[Por vezes, us. como equivalente a 1 milhão de bytes.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

89.Item lexical: □MIDI

Classe gramatical/ gênero: Não informa.

Definição: [Abrev. do ingl. Musical Instrument Digital Interface.]Inform.

1. Interface (6) digital para instrumentos musicais, que permite a troca de informações de música entre computadores, sintetizadores e instrumentos musicais.

2. Designação de instrumento musical, dispositivo de hardware, ou aplicativo de software, que utilizam essa interface: 2

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

90.Item lexical: → modem

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., acrôn. de mo(dulation)/dem(odulation), 'modulador/demodulador'.]S. m. Inform. 1. Dispositivo capaz de converter dados digitais em sinal analógico, e vice-versa (v. modulação e demodulação), o que permite estabelecer comunicação a distância entre computadores, por meio de canal analógico (ger., linha telefônica convencional).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

91.Item lexical: → mouse

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [Ingl., lit., 'camundongo' (por alusão à forma, tamanho e tipo de movimento do dispositivo).] S. m. Inform.

1. Dispositivo periférico de apontamento, que controla a posição de um cursor na tela e que conta com um ou mais botões, usado para indicar e selecionar opções, ícones e outros elementos de interface.

[Entre as ações tipicamente executadas por meio do mouse, incluem-se: apontar, clicar, arrastar e executar duplo-clique.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

92.Item lexical: → notebook

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição: [[Ingl., lit., 'caderno (de anotações)'.]

S. m. Inform.

1. Microcomputador portátil, menor que o laptop.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque.

93..Item lexical: → off-line

Classe gramatical/ gênero: Advérbio e Adjetivo.***

Definição: [Ingl., de off (exprimindo 'afastamento'; 'interrupção') + line, 'linha'.]

Adv. 1. Inform. Sem conexão com, ou entre, sistemas de transmissão e processamento de informação.

Adj. 2 g. e 2 n. 2. Inform. Que não está conectado ao sistema, ou não pode ser por ele acessado ou utilizado.

3. Inform. Nos sistemas distribuídos, diz-se da operação realizada sem conexão ou comunicação com outros pontos do sistema.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

94.Item lexical: → on-line

Classe gramatical/ gênero: Advérbio e Adjetivo.***

Definição: [Ingl., de on (exprimindo idéia de 'posição em, ou sobre; continuidade; funcionamento'), + line, 'linha'.] Adv. 1. Em conexão com, ou entre, sistemas de processamento e/ou transmissão de informação.

Adj. 2 g. e 2 n.

2. Inform. Diz-se de equipamentos periféricos, arquivos, etc. que estão conectados a um sistema computacional, ou acessíveis para utilização por este.

3. P. ext. Diz-se de processo, ou atividade muito ágil e capaz de responder rapidamente a estímulos externos.

4. Inform. Nos sistemas distribuídos, diz-se da operação realizada em conexão com outros pontos do sistema, permitindo compartilhamento de informações e colaboração no processamento, como, p. ex., consultas e atualizações imediatas de bases de dados remotas.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

95.Item lexical: □ OS

Classe gramatical/ gênero: Não informa.

Definição: [Acrôn. do ingl., operational system.]

Inform. 1. Abrev. de sistema operacional.

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque.

Item lexical: → output

96.Item lexical: → output

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição: [Ingl.] S. m.

2. Inform. Resultados fornecidos após um processamento; dados de saída.

3. Inform. Dispositivo, processo ou canal que intervém numa operação de transferência de dados de um computador para meio externo; canal de saída, dispositivo de saída, processo de saída.

[Cf. input.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

97.Item lexical: → palmtop

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição: [Ingl., lit., 'sobre a palma da mão da mão', por analogia com desktop (q. v.).]

S. m. Inform. 1. Microcomputador portátil de tamanho reduzido, pequeno o bastante para ser acomodado na palma da mão.[Cf. desktop e laptop.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

98.Item lexical: Papo on-line. Sub entrada de papo.

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição: Inform.

1. V. chat.

Processo de formação neológica: Empréstimo/ Fraseologia.

99.Item lexical: Papo virtual. Sub entrada de papo.

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição: Inform.

1. V. chat.

Processo de formação neológica: Empréstimo/ Fraseologia.

100.Item lexical: → pixel

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição: [Ingl., derivado de picture element, 'elemento de imagem', < pix [pl. de pic, abrev. de picture] + el(ement).]S. m. Inform.

1. A menor unidade gráfica de uma imagem matricial, e que só pode assumir uma única cor por vez.

[É o tamanho ou extensão do pixel que determina o grau de resolução da imagem: quanto menor for aquele, maior será esta.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

101.Item lexical: → plotter

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição [Ingl.]S. m. Inform.

1. Dispositivo dotado de pinos ou canetas especiais para representação gráfica de dados de um computador, e capaz de imprimir documentos de grande extensão (ger. diagramas e plantas).

[Tb. se usam as adaptações plotador e plotadora, e o correspondente traçador gráfico.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque/ Adaptação.

102.Item lexical: → postscript *

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição: [Ingl. < lat. postscriptum (q. v.).]

S. m. Inform. 1. Linguagem formal para descrição gráfica precisa de documentos, que se tornou um padrão em editoração eletrônica.

[Us. posposto a substantivos, com função adjetiva e idéia de 'uso ou compatibilidade com as especificações dessa linguagem': 2]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

*Empréstimo indireto.

103.Item lexical: processo de entrada. Sub entrada de processo.

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição : Inform.

1. V. input (2).

Processo de formação neológica: Empréstimo/ Fraseologia.

104.Item lexical: processo de saída. Sub entrada de processo.

Classe gramatical/ gênero: Substantivo Masculino.

Definição : Inform.

1. V. output (3).

Processo de formação neológica: Empréstimo/ Fraseologia.

105.Item lexical: □ Prolog

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição : [Acrôn. do fr. pro(grammaration en) log(ique), lit., 'programação em lógica'.] Inform. 1. Sigla que designa uma linguagem de programação propícia a aplicações de inteligência artificial, como, p. ex., o desenvolvimento de sistemas especialistas.[Originada no início da década de 1970, ela é baseada no estabelecimento de relações lógicas entre as estruturas de dados, em lugar de relações matemáticas, como é usual em outras linguagens de programação.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

106.Item lexical: → prompt

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl., 'pronto', 'alerta' (adj.); 'ato de instigar, de incitar, de provocar resposta'; 'o ponto, no teatro' (subst.).] S. m. Inform.

1. Sinal emitido pelo computador, indicando a sua disponibilidade para receber novos comandos digitados pelo usuário.[O prompt cumpre função fática fundamental na interface de linha de comando (q. v.).]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

107.Item lexical: rato

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : 6. Inform. V. mouse. [Mais us. em Portugal.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque.

108.Item lexical: → scanner

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl.] S. m. Inform. 1. Qualquer aparelho capaz de captar imagens e convertê-las em um conjunto correspondente de sinais elétricos.

2. Restr. Periférico que realiza a transformação de imagens em dados digitais, ger. na forma de uma matriz de pontos.

[Tb. us. como s. f.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

109.Item lexical: → script

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl., lit., 'texto escrito'; 'roteiro (de filme, etc.)']. S. m. Inform.

1. Texto dos diálogos e das indicações cênicas de um filme ou de peça teatral, novela de rádio ou televisão. [Cf. roteiro (6).]

2. Programa que consiste numa seqüência de instruções escritas numa linguagem própria para o emprego em determinado aplicativo.

Não estar (algo) no script. Bras. Pop.

1. Não estar previsto, não ser o esperado, ou não ser o combinado. [Ger. com referência a acontecimento.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo e Fraseologia.*

*Acreditamos que esta fraseologia nesta acepção aqui empregada não partiu de *scprit* na informática.

110.Item lexical: → setup

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl.] S. m. Inform.

1. V. configuração (4).

4. Inform. Conjunto de parâmetros, componentes, periféricos e programas que determinam as possibilidades e a forma de funcionamento de um computador, de seu sistema operacional, e de seus aplicativos.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque.

111.Item lexical: → site

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl., lit., 'sítio', 'lugar'.] S. m. Inform.

1. V. sítio (12 e 13).
12. Inform. Qualquer servidor (7) da Web, ou, p. ext., o endereço (v. URL) em que pode ser acessado.
13. Inform. Conjunto de documentos apresentados ou disponibilizados na Web por um indivíduo, instituição, empresa, etc., e que pode ser fisicamente acessado por um computador e em endereço específico da rede.
[Cf. homepage.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Decalque.

112.Item lexical: sítio

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl.]S. m. Inform.

12. Inform. Qualquer servidor (7) da Web, ou, p. ext., o endereço (v. URL) em que pode ser acessado.
13. Inform. Conjunto de documentos apresentados ou disponibilizados na Web por um indivíduo, instituição, empresa, etc., e que pode ser fisicamente acessado por um computador e em endereço específico da rede.
[Cf. homepage.]

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque. * Adaptação semântica.

113.Item lexical: → software

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino.

Definição : [Ingl., voc. cunhado por analogia com hardware (q. v.), de soft, 'macio', 'mole' + ware, 'artigo', 'utensílio'.] S. m. Inform.

1. Em um sistema computacional, o conjunto dos componentes que não fazem parte do equipamento físico propriamente dito e que incluem as instruções e programas (e os dados a eles associados) empregados durante a utilização do sistema.

2. Qualquer programa ou conjunto de programas de computador: 2
3. P. ext. Produto que oferece um conjunto de programas e dados para uso em computador: 2

[Tb. se usa sem flexão do pl., tal como em ingl.]

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

114.Item lexical: □SQL

Classe gramatical/ gênero: Não informa.

Definição : [Sigla do ingl. S(tructured) Q(uary) L(anguage), 'linguagem estruturada de consulta'.] Inform.

1. Sigla que designa uma linguagem padrão para programação, operação interativa e comunicação de sistemas de bancos de dados relacionais.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

115.Item lexical: → terabyte

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl.] S. m. Inform.

1. Unidade de medida de informação, equivalente a 240 bytes [símb.: TB] .

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

116.Item lexical: → time-sharing

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [[Ingl.] S. m. 1. Uso compartilhado do tempo em dispositivo para duas ou mais finalidades, de forma intercalada e controlada.

2. Inform. Tipo de algoritmo de controle de tempo dentro de um computador, que permite a determinado número de usuários executar seus programas de forma concorrente.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

117.Item lexical: → upgrade

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl., 'rampa', 'subida', 'aumento' (como subst.); 'elevar o nível de', 'fazer melhorar ou avançar' (como verbo).] S. m. Inform.

1. Atualização ou modernização de programa ou de equipamento.
2. Equipamento de modelo mais moderno ou aprimorado, ou programa em versão mais atualizada.

Processo de formação neológica: Estrangeirismo.

118.Item lexical: → upload

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl.] S. m. Inform.

1. Numa rede de computadores, envio, para um computador remoto, de cópia(s) de arquivo(s) originado(s) em máquina local.

[Cf.: download.]

Fazer upload. Inform.

1. V. carregar (19).

Processo de formação neológica: Estrangeirismo/ Fraseologia/ Decalque.

119.Item lexical: vetor

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : [Ingl.] S. m. Inform.

3. Inform. Array (q. v.), esp. aquele unidimensional, i. e., organizado como uma linha ou coluna de dados.

Processo de formação neológica: Empréstimo por decalque.

120.Item lexical: web

Classe gramatical/ gênero: Substantivo feminino.

Definição: Ingl., lit., 'teia'; f. red. de Worldwide Web, lit., 'teia (de âmbito) mundial'.]

S. f. Inform.

1. Recurso ou serviço oferecido na Internet (rede mundial de computadores), e que consiste num sistema distribuído (q. v.) de acesso a informações, as quais são apresentadas na forma de hipertexto, com elos entre documentos e outros objetos (menus, índices), localizados em pontos diversos da Rede.

2. O conjunto das informações e recursos assim disponibilizados. [Tb. se usa a sigla (ingl.) WWW.]

[Com cap.]

Processo de formação neológica: empréstimo por adaptação

121.Item lexical: www

Classe gramatical/ gênero: Não informa

Definição : [Sigla do ingl. W(orld) W(ide) W(eb).]

1. V. web.

Processo de formação neológica: Empréstimo por incorporação.

122.Item lexical: zum

Classe gramatical/ gênero: Substantivo masculino

Definição : 3. Inform. Ampliação ou diminuição de imagem na tela do computador, sem alteração do tamanho da imagem original ou do arquivo em que está armazenada.

Processo de formação neológica: Empréstimo por adaptação.

